

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
aPErj – RIO 4**

SUPLEMENTO CIENTÍFICO

Nº 12 – ABRIL / 2008

Editorial

Mais um número do nosso Boletim, número 12, questionadas posições teóricas e práticas pertinentes ao fazer psicanalítico. Em nossos trabalhos, renovamos as indagações presentes na prática cotidiana. Reiterando a Ética – fio condutor exemplar e fiel.

Boletim Científico com mudanças. Sempre e ainda bem. Aceitamos artigos de outros autores (que nos interessem no momento), bem como avisos, resumos, resenhas. Artigos ligados à cultura também, dos tempos atuais ou não, mas que reflitam e agucem o olhar psicanalítico. Necessário enfatizar o valor de nossa produção, testemunhando caminhos e lutas. Aberto aos candidatos do Instituto – incentivo para todos os membros.

Ana Lia, 2-4-08

Aos colegas,

O programa da **I Jornada Científica dos Candidatos da APERJ- Rio4**, que foi realizada no dia **05/4/2008** - sábado, na sede da Aperi a partir das **9:30 hs**.
Leila Fandiño.

09:30hs às 10:45 hs

"A questão do pagamento na clinica psicoterápica"

Cassiana Gonzalez

"Quem sou eu ? Quem é o outro ? "

Denise Junqueira

Coffee break

11:00 às 12 :15 hs

"Meu pai , este desconhecido "

Marilena Afradique

"Urticária Colinérgica: breve relato de um paciente somático"

Stefano Galvão

Estive no Encontro Internacional sobre a Obra de Bion em Roma. O meu trabalho foi o primeiro a ser apresentado na abertura do Congresso. Foi sobre A Contribuição das idéias de Bion na Clínica psicanalítica. Falei sobre as questões relativas a mudança de paradigma que trouxeram uma série de contribuições e compreensões a partir da idéia de objeto psicanalítico. O próximo encontro será em Boston, julho de 2009, antes do Congresso da IPA.

Depois fui para Stuttgart onde tive contato com o grupo psicanalítico interessado em estudar Bion. Foram muito interessantes as aberturas e as dificuldades que apareceram neste grupo, de um país que tem uma tradição tão rica em filosofia, mas sentem uma espécie de inibição atualmente para usá-la como instrumento para pensar.

No dia 28 estou seguindo para minha temporada anual em Los Angeles. Inicialmente participarei de um Encontro na ilha de Catalina com o grupo West Coast que estuda Bion. Também terei contato com Jim Grotstein.

Em Maio irei para Berkeley por uma semana e em Novembro estarei participando do evento em Seattle.

Arnaldo Chuster

IPA 45 Kongress

Remembering Repeating and Working Through in Psychoanalysis and Culture Today.

Berlin
Deutschland

25 – 28 Julho 2007

Breve Comentário

Miguel Sayad

28 Agosto 2007

Faz um mês que o Congresso em Berlim terminou. Aproximadamente o período em que fiquei de férias. Agora de volta às atividades habituais do dia a dia, a sedutora e intelectualmente excitante experiência do convívio com as novidades e provocações que este congresso propiciou vão se diluindo no horizonte do quotidiano.

Um vago sentimento de perda torna-se mais pungente a propósito da revisão que faço do programa do Congresso. Não pude estar em mais de uma sala ao mesmo tempo. Não pude participar senão de uma apresentação enquanto perdia muito mais. E vejo agora, revendo a programação, como foram significativas minhas perdas. É assim mesmo a vida; mas nem sempre reparamos. O poema de E. Bishop, “The Art of Loosing” faz mais sentido acompanhado da experiência de perder tanto em tão pouco tempo.

O Congresso, tudo se passou em 4 dias. Só quatro ? E ainda havia Berlim para experimentar. Não deu tempo ou deu ?, tudo sendo experimentado junto: Psicanálise, IPA e Berlim.

Aí vai o meu envolvimento e ponto de vista. Misturado com os de muitos outros, ainda que silenciosos, poderíamos, ao final de quase tres mil pontos, ligando-os com uma linha imaginária ter um desenho preciso e impossível da Psicanálise e Cultura hoje.

A Realidade é impossível.

Mas não o nosso depoimento e testemunho.

Possível mas não Real.

A novidade, provocadora desde o início, foi a IPA debruçar-se sobre o mundo exterior. Exterior ? Será que existe alguém que a cultura em que vive não lhe seja interior? Mas, mesmo assim, distingui-se o mundo interno e as agruras da clínica psicanalítica no consultório da aplicação do nosso conhecimento psicanalítico às vicissitudes e tragédias do mundo, materializado em políticas e ações de grandes grupos e/ou nações.

O maior desafio para a Psicanálise desde sua criação foi subsistir ao nacional socialismo, e para os colegas de Berlim, e aqui Berlim é Alemanha, renascer da quase destruição física e espiritual de toda uma nação. Entretanto, parafraseando o prefeito de Hamburg, na abertura do primeiro Congresso da IPA em solo Alemão após a guerra, em 1985, lembramos que se

houve Hitler, houve Beethoven, Bach, Kant e muitos outros alemães que engrandecem o espírito humano.

Desde o primeiro dia fui tocado pela contemporaneidade e pelo movimento de reparação marcante no espírito do Congresso.

Fui a Kassel, convidado pelo Instituto Alexander Mitscherlich, - a Sociedade Psicanalítica de Kassel - membro da DPV. Eu e mais uns vinte colegas de vários diferentes países.

Kassel, uma cidade a 4 horas de ônibus de Berlim, foi praticamente destruída por bombardeios e se tornou mundialmente conhecida pela exposição de arte contemporânea, "A Documenta de Kassel", que ocorre de 5 em 5 anos, e que foi iniciada em 1955.

A Primeira Documenta foi organizada como um movimento de renascimento e reparação. Os artistas convidados tinham sido banidos pelo nazismo.

De maneira semelhante o Instituto de Kassel teve um novo começo com um trabalho publicado por aquele que é homenageado no seu nome. O título do trabalho é "Medicina sem Humanidade" e foi baseado no julgamento dos médicos nazistas em Nuremberg. Assim foi retomado o contato com a IPA no início dos anos 50.

É interessantíssimo e muito pertinente a proximidade da elaboração psicanalítica e da elaboração artística, marcadamente presente neste Congresso.

Tivemos uma visita guiada por dois dias à Documenta, conduzida por colegas do Instituto de Kassel, seu presidente Dr. Martin Teising, a quem sou particularmente agradecido e pelo Prof. Eugen Mahler psicanalista decano e artista plástico.

Em Berlim assisti a um quarteto de música contemporânea interpretando o tema do congresso, e num museu próximo ao local do Congresso assisti uma análise artística e psicanalítica do texto "Uma Nota a Respeito da Lousa Mágica", de Freud. O texto foi lido e seguido de uma conferência pelo vice presidente da DPV.

Vários os colegas alemães apresentaram trabalhos em museus analisando obras de arte escolhidas por eles.

O espírito humano, a alma, poderíamos dizer, sempre foi tocada de perto em seus segredos e enigmas pela Arte, e sua aproximação com a Psicanálise é um destino natural que se vê potencializado com o forte movimento que este Congresso demonstrou de aplicação da Psicanálise a situações, digamos, neuróticas, perversas e psicóticas da própria sociedade: intolerância, preconceito, violência social, guerra e genocídio.

Para nós, brasileiros, especialmente nós do Rio de Janeiro e da APERJ, que tivemos nossa Sociedade de origem iniciada por psicanalista emigrado de Berlim após a guerra, a proximidade com a história da psicanálise na Alemanha, com o Instituto de Kassel, com a DPV e a DPG, foi altamente relevante e instrutiva. Uma experiência prática do tema "Recordar, Repetir e Elaborar. Recordar e Elaborar para Não Repetir.

Foram emocionantes, e significativas do ponto de vista da elaboração, as muitas apresentações que foram dedicadas a compreender, histórica e psicanaliticamente, a gênese e conseqüências sociais e individuais das relações de violência entre sociedades, nações, grandes grupos e ideologias.

Por exemplo, vejam alguns títulos de trabalhos apresentados: O Stalinismo e suas repercussão na sociedade Russa, Separação e Integração na Alemanha Reunificada, Freudianos e Jungianos durante o Nazismo, 14 anos de Encontros entre Descendentes de Judeus Sacrificados no Holocausto e Descendentes de Nazistas, A Perda de Analista Didata devido a Violações Éticas, História Pessoal e o Terceiro Reich, Um Episódio Psicótico

Associado ao 11 de Set. 1973 no Chile, Psicanálise depois de Auschwitz, A Intratabilidade do Conflito Israel/Palestina, etc ...

Há um reconhecimento quase consensual da importância da rememoração da história, nacional e/ou individual, sua elaboração social através do reconhecimento efetivo e público das injustiças ou mal cometidos - ainda que inevitáveis devido ao curso da história - e sua reparação por meio de medidas públicas e concretas, ao nível da ação - Ação Reparadora de Estado

Este é o meio mais efetivo que a psicanálise tem a recomendar para que se desfaça a compulsão a repetir o passado e o sintoma, ainda que em formas transformadas ou invertidas.

Dois dos trabalhos chaves do Congresso, as conferências matinais, o de W.Bohleber e o de J. Lear foram a respeito de traumas coletivos.

Houve dois encontros do Comitê da IPA na ONU (IPA/CUN).

Ambos foram muito importantes e significativos para nós.

No primeiro deles, uma homenagem a Paulina Kernberg, participante muito ativa do Comitê, falecida ano passado, contou com a participação emocionada, mas psicanaliticamente relevante, de Otto Kernberg. Nesta sessão houve a projeção de um vídeo das conferências organizadas pelo Comitê, em Outubro de 2005 na ONU, apresentando o Presidente da IPA, Cláudio Eizirik, a quem tanto devemos este movimento expansivo e renovador da IPA, proferindo importante discurso.

No segundo encontro, apenas entre os membros do Comitê, apresentei o PROPIS, trabalho na interface social da Psicanálise que vem sendo realizado por um grupo de colegas da SBPRJ e apresentei ao Comitê a Dra. Sonia Eva, Diretora do Instituto de Ensino da SBPRJ e participante do PROPIS e que expos o trabalho que vem desenvolvendo de psicanálise aplicada à comunicação radiofônica.

Ora, o congresso foi muito muito muito mais que este relato:1/2700 avos. Mas este foi o meu Congresso e já foi quase que demais.

Se outros colegas fizessem seus relatos teríamos um panorama mais abrangente, pois a riqueza da clínica em consultório e das elaborações dos avanços teóricos-clínicos e metapsicológicos sequer foi mencionada neste parcial comentário,

Este Congresso deixará uma cicatriz de expansão, elaboração e reconciliação na história da IPA - uma marca na Psicanálise.

Miguel Sayad.

Estilo de **Graciliano Ramos** marcou a construção do Brasil.

Dono de estilo contundente e direto, Graciliano Ramos é um dos mais importantes autores da literatura brasileira, cujo interesse estético é inseparável do comprometimento ético. O escritor é tema de uma dos volumes da coleção ["Folha Explica"](#), cujo primeiro capítulo pode ser lido abaixo.

Seja por suas intervenções no campo político, pelo empenho em favor dos oprimidos ou ainda pela defesa do artista no mundo moderno, Graciliano Ramos reafirma, de modo inconfundível, o vínculo entre literatura e vida.

Assim, ["Folha Explica Graciliano Ramos"](#) mostra que ler os livros do escritor alagoano é tarefa fundamental para todos que têm interesse em entender o Brasil --e entender a si mesmos.

Wander Melo Miranda é professor titular de teoria da literatura na Universidade Federal de Minas Gerais e supervisor do projeto de reedição da obra completa de Graciliano Ramos.

["Folha Explica Graciliano Ramos"](#)

Autor: Wander Melo Miranda

_Seu passo trágico escreve
A épica real do BR
Que desintegrado explode._

Literatura e experiência confundem-se na obra de Graciliano Ramos (1892-1953) como se fossem a urdidura de uma trama comum. Romances, memórias, contos e textos circunstanciais parecem repetir a afirmação do escritor --"Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou"--, chamando a atenção para o espaço autobiográfico em que sua obra se insere. À primeira vista parecerá uma perspectiva restrita, encerrada nos limites de uma subjetividade que reduz o mundo a dimensão muito particular ou a visão demasiadamente referencial. Mas, à medida que avançamos na leitura de livros como *Angústia* (1936) ou *Infância* (1945), nos quais traços da personalidade do autor e episódios de sua vida pessoal aparecem fortemente marcados --pela via da ficção ou da autobiografia--, nossa expectativa se transforma.

A aderência textual à vida concreta é acompanhada da superação de seus limites autobiográficos ou referenciais, compondo a química paradoxal da obra de Graciliano Ramos. Visto de hoje, seu compromisso político-partidário é um complicador a mais. Legítimo em suas aspirações e coerente do ponto de vista ideológico --Graciliano pertenceu aos quadros do Partido Comunista Brasileiro desde 1945 até a morte--, seu engajamento retrata um período crucial da história brasileira, que culmina com o Estado Novo. Indiscutivelmente articulado com a prática literária que constitui, em nenhum momento faz essa prática resvalar para as facilidades do panfleto ou ceder à sedução das relações imediatas. Ao contrário, em razão do conflito que apresentam entre texto e história, sujeito e discurso, memória e imaginação, seus livros se abrem a uma série de indagações experimentais que, desde o romance de estréia, *Caetés* (1933), desautorizam toda sorte de respostas excludentes e definitivas, para nosso espanto e dos próprios narradores colocados em cena pelo autor, sejam eles autobiográficos ou não.

No território minado por onde transitam suas personagens, em busca de uma unidade de antemão impossível no decurso da experiência desdobrada no tempo, não há lugar para ilusões compensatórias, nem para processos conciliadores de integração social. Seres à margem, João Valério, Luís da Silva, os retirantes de *Vidas Secas*, o menino de *Infância*, os presos de *Memórias do Cárcere*, e mesmo Paulo Honório, trazem todos a marca da "desgraça

irremediável que os açoita", para usar as palavras do escritor, que deles se aproxima solidário, com uma simpatia ora mais ora menos distanciada, sempre comovente na cautela com que se expõe.

Mesmo o recurso à memória, de que o narrador na maioria das vezes se vale, não conduz ao abrigo das certezas apaziguadoras e da verdade incontestável, espaço que é da contradição e da recorrência desintegradoras. No ato de recompor a vida pela linguagem, de ser escrevendo, a idéia do conhecimento de si a que chegam os narradores de Graciliano resulta numa construção móvel e aleatória, fruto de um saber precário, provisório nas suas conclusões e cético no tocante à validade de suas premissas. Talvez por isso nada resista em pé diante do desejo de destruir, segundo Otto Maria Carpeaux, o "edifício da nossa civilização artificial - cultura e analfabetismo letrados, sociedade, cidade, Estado, todas as autoridades temporais e espirituais"³. Destruição para transformar, para reverter por "linhas tortas" as diretrizes e os valores que o processo de modernização brasileira começava a implantar no país nas primeiras décadas do século 20. Recalcadas pelo poder dominante, regiões sombrias da ordem estabelecida atingem o primeiro plano do texto, que torna visível a violência contra os excluídos, então revelados em sua alteridade e desolação.

Nas brechas abertas numa modernidade assim desencantada, Graciliano, firme na sua disposição de ir contra a amnésia histórica e social, torna efetiva, talvez como nenhum outro escritor entre nós, a possibilidade de uma prática política do texto artístico. Daí o papel fundamental desempenhado pela memória em seus livros. Operadora da diferença e trabalhando com pontos de esquecimento da história oficial, ela se formula como atividade produtiva, que tece com as idéias e imagens do presente a experiência do passado, sempre renovada, refeita, recriada - vida e morte, vida contra a morte.

A possibilidade da reminiscência descortina-se justamente onde a história triunfante dos "homens gordos do primado espiritual" procede ao cancelamento do que ficou para trás, ou seja, no detalhe, no pequeno, no insignificante, a partir deles e com eles, como revelam as Memórias do Cárcere, publicadas logo após a morte de Graciliano, em 1953. Se a perspectiva da morte, de fim de caminho, autoriza o autor a levar adiante suas memórias, é o desejo de fazer viver o que estaria morto para sempre, mas que ainda persiste na sua demanda, o que deflagra o processo da escrita. Reviver o passado sim, porém enterrar de vez o que mantém o memorialista encarcerado e o impede de tomar posse efetiva do presente.

O corpo do sujeito --o do preso, mas também o do menino, o dos retirantes-- é o lugar privilegiado onde se marca a história e se enuncia, em carne viva, sem subterfúgios, a violência desmedida do poder. Instrumento de ataque e defesa no embate com o "nosso pequenino fascismo tupinambá", o corpo vai além de si mesmo e se faz voz do vivido coletivo, balizando a dura aprendizagem da posição marginal do escritor que teima em manter-se, apesar de tudo, livre, independente e fiel a si mesmo. O instável campo de manobra que a situação de pária social lhe delega desdobra-se em vários níveis de indagações, que vão desde a consciência sofrida, que separa o intelectual da massa com a qual se solidariza, até a relação conflituosa do escritor com o mercado de trabalho.

O espaço de atuação intelectual e artística de Graciliano revela-se intervalar: entre formação burguesa e empenho político a favor do excluído, entre imposições do poder e anseio de transformação, entre qualidade artística da obra e necessidade de sobrevivência do artista. A possibilidade de a literatura realizar uma intervenção diferenciada no campo político, com os instrumentos de que só ela dispõe, reveste-se, na prosa do escritor, da reafirmação do vínculo estreito entre arte e vida, submetida com força de persuasão ao domínio da linguagem, ao território também conflituoso da palavra literária.

A auto-reflexão textual catalisa as preocupações de Graciliano Ramos. O exercício obsessivo e artesanal da linguagem e a lucidez na escolha dos procedimentos narrativos usados

impedem a subserviência do texto à realidade imediata e à gratuidade lúdica, abrindo novos caminhos para a representação literária. Há um silêncio que procura fazer-se ouvir, uma fala emudecida a que o narrador procura dar ouvidos, desobstruindo, sem paternalismos, suas vias de expressão. Daí o caráter experimental da narrativa, que ensaia aproximações e recuos diante de imposições retóricas e estereótipos literários, solapados no cerne de sua orientação hegemônica, ou seja, no seu intuito de impor-se como autoridade absoluta - "Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer".

É dessa forma que Graciliano Ramos contribui para ampliar os limites da narrativa regionalista que começa, por volta de 1930, a retratar o país pela óptica da consciência do subdesenvolvimento e do engajamento político. Pelos livros de escritores como José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego ou Jorge Amado, o romance nordestino impõe-se como nova linguagem e nova modalidade de "interpretar" o Brasil, dessa vez pela via da abordagem ficcional dos impasses regionais. De todo o grupo, o autor de *Vidas Secas* é, sem dúvida, o que mais avança no sentido de desmontar as estruturas de dominação literária, cultural e política, ao mesmo tempo que confere a seus textos um valor artístico efetivamente inovador.

A estratégia dissimulatória que propicia ao escritor mover-se no interior de um sistema fechado e a ele opor resistência se formula em termos de afrontamento do interdito através da ironia e da redução da linguagem àquele mínimo de recursos que a faz funcionar sem perder a carga explosiva que encerra. Num pequeno texto, "Os Sapateiros da Literatura", Graciliano realça a dimensão utilitária da escrita ao comparar pronomes e verbos a sovelas e ilhoses: "São armas insignificantes, mas são armas". É esse movimento que pretendemos mostrar na leitura dos textos do escritor.

O MUNDO DOS SIMPLES

Oliver Sacks

Ext. de "O homem que confundiu a mulher com um chapéu" - Antropos - Relógio d'Água -1985
Introdução: Estes são dois capítulos de um livro que é, no mínimo, estranho: "O homem que confundiu a mulher com um chapéu" de Oliver Sacks, autor de "Um Antropólogo em Marte" e "Despertares" (entre outros). É um livro com 15 anos mas perfeitamente actual e extremamente interessante. "É um livro povoado por personagens tão estranhas como as dos mais fantásticos contos de ficção(...) O Dr. Sacks escreve sobre os admiráveis poderes da nossa mente e o delicado equilíbrio que os sustenta." (Sunday Times).

Estes capítulos descrevem, de uma forma admirável, o primeiro contacto do autor com pessoas com deficiência mental e o confronto entre a visão que a sua formação em neurologia lhe deu e a realidade de vidas baseadas no concreto, na expressão mais simples do relacionamento com o mundo. Daí o título do capítulo: "O Mundo dos Simples". E gostaríamos de terminar esta introdução com uma frase de Sacks que diz muito das dúvidas que se lhe puseram neste contacto com o mundo da simplicidade : O termo «atrasada» sugere uma criança que não evolui, o termo «deficiente mental» sugere um adulto incompleto. Ambos os termos, ambos os conceitos são uma mistura de verdade e falsidade profunda".

Jorge Santos

O Mundo dos simples

Quando, há alguns anos atrás, comecei a trabalhar com deficientes mentais pensei que ia ser um trabalho sombrio e escrevi a Luria desabafando. Para meu grande espanto respondeu-me com uma atitude francamente positiva dizendo que, regra geral, não havia pacientes que lhe fossem mais queridos do que os deficientes e que considerava o tempo durante o qual trabalhara no Instituto de Defectologia uma das épocas mais intensas e interessantes de toda a sua vida profissional. Como diz no prefácio da primeira das suas biografias clínicas (*Speech and the Development of Mental Processes in the Child*, tradução inglesa de 1959): «Se o autor tem o direito de exprimir sentimentos em relação ao seu próprio trabalho, devo afirmar que nutro sentimentos muito especiais pelo material que publiquei neste pequeno livro».

Quais são os «sentimentos especiais» de que Luria fala? São, sem dúvida, íntimos e carregados de emoção, o que seria impossível se os deficientes mentais não «respondessem», não possuíssem uma sensibilidade real, potencialidades emocionais e pessoais independentemente dos seus defeitos (intelectuais). Mas implica algo mais. Implica um interesse científico bastante singular. Algo mais do que «deficiências» ou «defectologia» que, em si mesmos, têm um interesse limitado. Qual é então o interesse especial que têm os simples?

É um interesse que está relacionado com as qualidades mentais que se mantiveram intactas ou mesmo que aumentaram. Assim, embora sejam, de certo modo, «deficientes mentais», podem ser mentalmente atraentes, mesmo completos, podem ter outras qualidades da mente para além da conceptual. É isso que podemos explorar com uma clareza única numa mente simples - tal como o podemos fazer em relação às mentes das crianças e dos «selvagens» (embora, como Clifford Geertz repetidamente sublinhou, estas categorias não sejam equivalentes: os «selvagens» não são nem deficientes nem crianças; as crianças não têm cultura selvagem e os deficientes não são nem selvagens nem crianças). Tudo o que Piaget descobriu acerca da mente das crianças e Levi-Strauss acerca da mente «selvagem» espera-nos, sob formas diferentes, na mente e no mundo dos simples.

Aquilo que nos espera, ao iniciarmos um trabalho deste tipo, é tão agradável para o coração como para a mente e, como tal, incita-nos especialmente a aproximar-nos da «ciência romântica» de Luria. Que tipo de mente é esta? Que disposição é esta que caracteriza os simples e lhes dá aquela inocência, transparência, totalidade e dignidade comovente - não deveríamos perante uma qualidade tão diferenciadora falar do «mundo» dos simples (como falamos acerca do «mundo» das crianças ou dos selvagens)?

Se vamos escolher um termo único para caracterizar este mundo terá de ser o termo «concreto» - o seu mundo é vivido, intenso, detalhado e, ao mesmo tempo, simples, precisamente porque é concreto: nem complicado, nem unificado pela abstracção.

Através de uma inversão, ou subversão, da ordem natural das coisas, aquilo que é concreto é muitas vezes considerado desprezível pelos neurologistas, aquém da consideração, algo de incoerente, de regressivo. Assim, para Kurt Goldstein o grande sistematizador da sua geração, a mente, a glória do homem, tem a ver unicamente com a abstracção e a categorização, e o efeito das lesões cerebrais, de toda e qualquer lesão cerebral, é lançá-la para fora do seu reino real em direcção aos terrenos movediços, quase sub-humanos, do concreto: Se um homem perde a «atitude abstracto-categórica» (Goldstein) ou o «pensamento proposicional» (Jackson) o que resta é sub-humano, sem qualquer significado ou interesse.

Falei em inversão porque o concreto é elementar, é aquilo que torna a realidade «real», viva, pessoal e significativa. Tudo isto desaparece se perdermos o concreto

Muito mais fácil de compreender, e também mais natural, é a ideia de que o concreto é preservado em lesões cerebrais - não se trata de uma regressão ao concreto mas da sua preservação, de modo que preserva também a personalidade essencial, a identidade e a humanidade, o ser da criatura lesionada.

É isso que podemos ver no caso de Zazetsky, «o homem com o mundo estilhaçado» (The Man with a Shattered World). Mantém-se um homem, mantém a quinta essência do ser humano, todo o peso moral, toda a imaginação apesar da devastação dos seus poderes abstractos a proposicionais. Ao mesmo tempo que parece concordar com as opiniões de Goldstein a Jackson, Luria inverte o seu significado. Zazetsky não é uma (frágil) relíquia jacksoniana ou goldsteiniana, é um homem maduro, cujas emoções e imaginação se mantiveram intactas (talvez até se tenham desenvolvido). Apesar do título do livro, o seu mundo não está «estilhaçado». Faltam-lhe as abstracções unificadoras mas a sua realidade é extremamente rica, profunda e concreta.

Penso que isto também se aplica aos deficientes mentais, que tendo sido desde sempre deficientes, nunca conheceram nem nunca foram seduzidos pelo abstracto, sempre sentiram a realidade de forma directa e imediata, com uma intensidade elementar e, por vezes, avassaladora.

Entramos num reino de fascínio e paradoxo cujo centro está na ambiguidade do «concreto». Especialmente como médicos, terapeutas, professores ou cientistas, somos convidados, mesmo levados a uma exploração do concreto. Esta é a «ciência romântica» de Luria. Ambas as biografias clínicas ou «romances» de Luria podem ser interpretadas como explorações do concreto, da sua preservação ao serviço da realidade (no caso das lesões cerebrais de Zazetsky) e do seu exagero à custa da realidade (no caso da supermente do mnemónico).

A ciência clássica não encontra nenhuma utilidade para o concreto. Concreto, para a neurologia e para a psiquiatria, equivale a trivial. É necessária uma «ciência romântica» para lhe prestar a devida atenção, para apreciar os seus poderes e perigos extraordinários. Quando lidamos com os simples, somos directamente confrontados com o concreto, o concreto puro e simples, cheio de intensidade.

O concreto pode abrir portas assim como as pode fechar. Pode ser o portal da sensibilidade, da imaginação e da profundidade ou confinar o seu possessor (ou possuído) a pormenores sem sentido. Apercebemo-nos de ambas as potencialidades nos simples, porque surgem aumentados.

... ..

Mas o que ainda tem mais interesse, o que ainda é mais humano, mais intenso, mais real, é o uso e desenvolvimento próprio do concreto, o que, no entanto, quase não é reconhecido nos estudos científicos acerca dos deficientes mentais (embora seja imediatamente reconhecido por pais e professores compreensivos).

O concreto também se pode tornar um veículo de mistério, beleza e profundidade, um caminho em direcção às emoções, à imaginação, ao espírito, tão completo como qualquer concepção abstracta (talvez até mais como Gershom Sholem (1965) afirmou nos seus estudos comparativos entre o conceptual e o simbólico, ou Jerome Bruner (1984) na comparação que faz entre o «paradigmático» e o «narrativo»). O concreto é imediatamente impregnado de sentimento e sentido - mais depressa, talvez, do que qualquer concepção abstracta. Encaminha-se rapidamente em direcção ao ascético, ao dramático, ao cómico, ao simbólico, a todo o mundo profundo da arte e do espírito. Por isso, os deficientes mentais podem ser conceptualmente deficientes mas os seus poderes de apreensão do concreto e do simbólico podem ser iguais aos de qualquer indivíduo «normal» (isto é científico, mas é também romântico...).

Um homem pode ser intelectualmente «inferior» , incapaz de abrir uma porta, mais ainda de compreender o binómio de Newton, totalmente incapaz de compreender o mundo como conceito, mas totalmente capaz de ser verdadeiramente dotado para o compreender enquanto entidade concreta e simbólica. Esta é a outra faceta, uma faceta quase sublime destas criaturas singulares.

Podemos considerá-los seres excepcionais e atípicos. É por isso que decidi começar esta última parte com a história de Rebecca, uma jovem em nada excepcional, uma deficiente com quem trabalhei há doze anos. Recordo-a com afecto.

REBECCA

Rebecca já não era nenhuma criança quando foi enviada à nossa clínica. Tinha dezanove anos mas, como dizia a avó, «de certa forma parecia uma criança». Não se orientava na rua, não era capaz de abrir uma porta com uma chave (nunca conseguiu perceber como é que a chave entrava na fechadura). Não tinha integrado a lateralização, por vezes vestia a roupa ao contrário sem parecer aperceber-se disso (quando se apercebia não conseguia fazer nada para a vestir correctamente). Era capaz de passar horas a tentar encaixar uma mão ou um pé na luva ou no sapato contrário. Parecia, como disse a avó, não ter «sentido do espaço». Era desajeitada e descoordenada em todos os movimentos. Um relatório chamava-lhe «mentecapta», outro «deficiente motora» (mas quando dançava toda a descoordenação desaparecia).

Rebecca tinha uma fenda palatina parcial que provocava assobios quando falava, tinha dedos curtos e grossos com unhas rombas e deformadas e uma miopia degenerativa avançada que a obrigava a usar óculos com lentes muito grossas. Tudo isto eram estigmas da mesma condição congénita que lhe provocara a deficiência mental e cerebral. Era extremamente envergonhada e introvertida porque sentia que sempre tinha sido «motivo de troça».

Mas era capaz de emoções fortes, de se ligar a alguém profunda e até apaixonadamente. Era muito ligada à avó que a educara desde os três anos (quando ambos os pais morreram). Gostava muito da natureza e, se a levavam a parques ou ao jardim botânico, era capaz de lá ficar horas seguidas. Também gostava muito de histórias embora nunca tivesse aprendido a ler (apesar das tentativas sucessivas e mesmo frenéticas) e implorava à avó ou a outros que as lessem. «Tem fome de histórias», disse a avó. E, felizmente, a avó gostava de as ler e tinha uma voz agradável que deixava Rebecca quase em transe. Também gostava muito de poesia. Parecia ter uma forte necessidade de ouvir ler - uma espécie de alimento de realidade para a sua mente. A natureza era bela mas muda. Não chegava. Precisava das imagens verbais da linguagem para representar o mundo e a realidade, e parecia não ter dificuldade em compreender as metáforas e símbolos, mesmo de poemas muito profundos, o que contrastava profundamente com a sua incapacidade para compreender proposições e informações simples. A linguagem do sentimento, do concreto, da imagem e do símbolo formava um mundo que adorava e que conseguia penetrar de forma admirável. Embora fosse conceptual e proposicionalmente inapta, sentia-se à vontade com a linguagem poética, ela própria era uma espécie de poetisa natural, «primitiva», intensa e hesitante. Saíam-lhe naturalmente metáforas, comparações e outras figuras de estilo bem conseguidas mas imprevisíveis, como um súbito jorro poético ou alusões. A sua avó era devota e Rebecca também: adorava a cerimónia das velas do Shabbat, as bênçãos e orações que faziam parte do dia judaico; adorava ir à sinagoga onde todos gostavam dela (era considerada como filha de Deus, uma espécie de louca inocente e santa), compreendia bem a liturgia, os cânticos, as orações, os ritos e os símbolos do serviço ortodoxo. Conseguia tudo isto, gostava de tudo isto apesar dos seus graves problemas perceptivos e espaço-temporais e da sua grande

deficiência na capacidade esquemática: não conseguia conferir o troco, era derrotada pelos cálculos mentais mais simples, nunca conseguiu aprender a escrever ou a ler e tinha uma média de, mais ou menos, sessenta nos testes de Q.I. (embora fosse bastante melhor nos testes verbais do que nos outros). Era uma «mentecapta», uma tola, um «bobo», ou, pelo menos, assim parecia e assim tinha sido catalogada toda a vida, mas tinha inesperados poderes poéticos, estranhos a comoventes. Superficialmente era uma massa de deficiências e incapacidades, com todas as frustrações e ansiedades que estas provocam. A este nível era, e sentia-se, uma deficiente mental inferior às aptidões naturais e às capacidades dos outros. Mas a um nível mais profundo não havia quaisquer deficiências ou incapacidades, só uma sensação de calma e totalidade, de ser completa, de estar viva, de ser uma alma profunda e elevada, de ser igual aos outros. Intelectualmente Rebecca sentia-se deficiente, espiritualmente sentia-se uma pessoa total e completa.

Quando a vi pela primeira vez - desajeitada, deselegante, desastrada - via-a apenas como deficiente, uma criatura incompleta cujas capacidades neurológicas podia catalogar e dissecar com precisão: uma quantidade de apraxias e agnosés, uma massa de deficiências e incapacidades sensorio-motoras, limitações dos esquemas intelectuais e de conceitos semelhantes (segundo o critério de Piaget) aos de crianças de oito anos. «Uma pobre criatura», pensei, «talvez com uma única capacidade: um estranho dom da fala. Um mero mosaico das funções corticais superiores, dos esquemas de Piaget - quase totalmente incapacitada».

Quando a voltei a ver tudo foi diferente. Ela não estava numa situação de teste, de «avaliação» na clínica. Estava a passear no jardim, era um maravilhoso dia de Primavera e eu tinha alguns minutos livres até à primeira consulta do dia. Foi então que vi Rebecca sentada num banco, a olhar calmamente para as flores de Abril com um prazer óbvio. A sua postura já não tinha nada da deselegância que me impressionara tanto no nosso primeiro encontro. Ali sentada, com um vestido claro, o rosto calmo e um leve sorriso, fez-me lembrar uma das personagens de Tchekhov: Irene, Anya, Sonya, Nina - com um pomar de cerejeiras tchekhoviano como cenário. Era como qualquer jovem que aprecia um belo dia de Primavera. Esta era a visão humana, oposta à neurológica.

Quando me aproximei ela ouviu os meus passos e voltou-se, brindando-me com um sorriso que exprimia mais do que palavras. «Olhe para o mundo», parecia dizer. «Como é belo.» Seguiu-se, em repentes jacksonianos, uma catadupa poética, estranha a súbita: «Primavera», «nascimento», «crescer», «movimento», «despertar para a vida», «estações», «um tempo para tudo». Dei por mim a pensar no livro do Eclesiastes: «Tudo tem um tempo, há um tempo para tudo. Tempo para nascer e tempo para morrer, tempo para plantar e tempo para... » Era esta a mensagem que Rebecca, no seu discurso desconjuntado, tentava transmitir: uma visão das estações, dos tempos, tal como a do profeta. «É uma idiota eclesiástica», pensei. E nesta frase as duas visões que eu tinha dela - uma deficiente e uma simbolista - encontraram-se, colidiram e fundiram-se. Tinha-se saído mal nos testes - o que num certo sentido estava previsto porque todos os testes neurológicos e psicológicos não estão feitos só para descobrir, para revelar deficits, mas para decompor os pacientes em funções e deficits mas, de súbito, via-a misteriosamente completa e composta.

Como é que uma pessoa tão decomposta podia ficar tão recomposta? Pensava que havia dois modos completamente diferentes de pensamento, de organização, de ser. O primeiro era esquemático - constituído por padrões, resoluções de problemas, era o que tínhamos testado, era aí que ela era deficiente, desastrada a destituída. Mas os testes não nos tinham indicado nada excepto os deficits, nada para além dos seus deficits. Não me forneceram pistas em relação às suas aptidões positivas, à sua capacidade de aprender o mundo real, o mundo da natureza, talvez o da imaginação, a sua capacidade de ver, pensar e (quando lhe era

possível) viver nesse mundo; não me tinham revelado nada acerca do seu mundo interior que era claramente elaborado e coerente, sem qualquer ligação com um conjunto de problemas a resolver ou de tarefas a realizar.

Mas qual era o princípio que lhe conferia totalidade? (Era óbvio que não era um princípio esquemático.) Comecei a pensar no seu gosto por histórias, pela composição e coerência narrativa. Seria possível que este ser diante de mim -ao mesmo tempo uma jovem encantadora e uma mentecapta, um acidente cognitivo - pudesse usar a narrativa (ou o texto dramático) para elaborar e integrar um mundo coerente, em substituição das capacidades esquemáticas que nela eram tão deficientes, que não funcionavam? Lembrei-me da forma como dançava e como a dança organizava os seus movimentos normalmente desajeitados e deselegantes.

Ao vê-la ali sentada, a gozar a vista simples e sagrada da natureza, pensei que os testes e as tentativas de aproximação são ridiculamente inadequados. Só nos revelam os deficits, não nos mostram as aptidões; quando queremos ver música, narrativa, jogo, um ser que se comporta espontaneamente, de forma natural, tudo o que nos mostram são puzzles e esquemas.

Sentia que Rebecca era um ser “narrativo” completo e intacto com condições que permitiam a organização da sua personalidade; era muito importante saber isto porque permitia que a vissemos, e ao seu potencial, de forma bastante diferente da que é imposta pelo método esquemático.

Tive talvez a sorte de conhecer as diferentes facetas de Rebecca - uma tão lesionada e deficiente, a outra tão repleta de promessas e potencialidades - e de ela ter sido o primeiro dos pacientes que observei naquela clínica. Aquilo que vi nela, aquilo que ela me ensinou, vejo agora em todos.

À medida que a continuei a ver parecia tornar-se mais profunda. Ou talvez se fosse revelando e eu fosse respeitando cada vez mais a sua personalidade. Não era uma profundidade totalmente feliz - nenhuma profundidade o é - mas foi predominantemente feliz durante a maior parte do ano.

Mas, em Novembro, a avó morreu e a luz, a alegria que exprimira desde Abril, transformou-se em desgosto e escuridão profundos. Ficou devastada, mas portou-se com muita dignidade. A dignidade, a profundidade ética juntamente com os seus sentimentos formavam um enorme contraste, grave e duradouro, com o ser luminoso e poético que eu conhecera.

Visitei-a logo que soube do que se tinha passado a ela recebeu-me, com muita dignidade mas gelada de desgosto, no seu pequeno quarto da casa agora vazia. O seu discurso voltara a ser em cascata, «jacksoniano», reduzido a breves articulações de desgosto e lamentação: «Porque é que ela teve de morrer?», gemeu. E acrescentou: «Estou a chorar por mim, não por ela.» Fez uma pausa. «A avó está bem, foi para a Casa Eterna.» A Casa Eterna! Seria um símbolo dela ou uma memória inconsciente, uma alusão ao Eclesiastes? «Tenho frio», chorou aconchegando-se. «Não é cá fora, o Inverno está dentro de mim. Frio como a morte.» E acrescentou: «Ela fazia parte de mim. Parte de mim morreu com ela.»

Era completa no seu luto, trágica e completa. Não se tinha a sensação de que fosse uma «deficiente mental». Meia hora depois recuperou algum do seu calor e, mais animada, disse: «É Inverno. Sinto-me morta. Mas sei que a Primavera vai chegar. »

O período de luto foi demorado mas bem sucedido, tal como Rebecca, mesmo atingida pelo desgosto, havia previsto. Foi muito apoiada tanto pela tia-avó (irmã da sua avó) que se mudara para sua casa, que era compreensiva e que a protegia, como pela sinagoga, pela comunidade religiosa, mas acima de tudo pelos rituais e pelo estatuto especial que lhe era concedido pela sua condição de «órfã», da pessoa mais afectada pela morte da avó. Talvez a tenha ajudado também o facto de poder falar abertamente comigo e talvez também tenha sido

ajudada pelos sonhos que relacionava com a realidade e que marcaram, claramente, os estádios no seu processo de luto (ver Peters, 1983).

Tal como me lembro dela sob o sol de Abril, como Nina, lembro-me dela devastada, com uma clareza trágica, no Novembro escuro desse mesmo ano, imóvel num cemitério desolado de Queens, dizendo o Kaddish junto à sepultura da avó. Sempre tinha gostado das orações e das histórias da Bíblia porque estavam relacionados com o lado alegre, poético e «abençoado» da sua vida. Agora, durante as orações fúnebres, o Salmo 103 e, principalmente, o Kaddish encontrava as palavras certas, as únicas que a confortavam e a ajudavam a lamentar-se.

Durante os meses que foram de Abril (a primeira vez que a vi) a Novembro (o mês em que morreu a avó), Rebecca, como todos os nossos «clientes» (uma palavra odiosa que estava em moda porque a consideravam menos degradante do que «paciente») passou por uma série de aulas teóricas e de trabalhos manuais que faziam parte do nosso programa de desenvolvimento da cognição (estes eram também os termos em moda). Não funcionou no caso de Rebecca, como não funcionou na maioria dos casos, porque o que fazíamos era confrontá-los com as suas limitações, o que já tinha sido feito futilmente, e muitas vezes até à crueldade, ao longo das suas vidas.

Dedicávamos muita atenção aos defeitos dos nossos pacientes - Rebecca foi a primeira a dizer-mo - e muito pouco ao que neles estava intacto, preservado. Para usar os termos da gíria médica, preocupávamo-nos muito com a «defectologia» e muito pouco com a «narratologia» que é a ciência, negligenciada mas necessária, do concreto.

Rebecca tornou claro, através de exemplos concretos, por si própria, que existem duas formas de pensamento e de mentalidade totalmente diferentes e independentes: a «paradigmática» e a «narrativa» (para usar a terminologia de Bruner). E embora sejam as duas igualmente naturais e inatas na mente humana em expansão, a narrativa vem primeiro, tem prioridade espiritual. Há crianças muito novas que adoram e pedem histórias e compreendem os assuntos complexos que são apresentados nessas histórias muito antes de terem capacidades para compreender conceitos gerais e paradigmas. É este poder narrativo ou simbólico que nos transmite o sentido do mundo - uma realidade concreta na forma imaginativa de símbolos e histórias - quando o pensamento abstracto não funciona. Uma criança é capaz de compreender as histórias da Bíblia muito antes de compreender Euclides. Não porque a Bíblia seja mais fácil (antes pelo contrário) mas porque é um texto simbólico e narrativo.

Era por isso que Rebecca, que tinha dezanove anos, era ainda, como tinha afirmado a avó, «como uma criança». Como uma criança mas não uma criança (o termo «atrasada» sugere uma criança que não evolui, o termo «deficiente mental» sugere um adulto incompleto. Ambos os termos, ambos os conceitos são uma mistura de verdade e falsidade profunda).

Poderes emocionais, narrativos e simbólicos como os de Rebecca (como os de todos os deficientes mentais a quem é permitido, ou mesmo encorajado, o desenvolvimento individual) podem-se desenvolver forte e exuberantemente e produzir (como no caso de Rebecca) uma espécie de poeta natural, ou (como no caso de José) uma espécie de artista natural, ao mesmo tempo que os poderes paradigmáticos e conceptuais, manifestamente fracos desde o início, se vão desgastando lenta e penosamente ou são apenas capazes de um desenvolvimento muito limitado e hesitante.

“Da verdade e das aparências”

“Of truth and appearances”

Ana Lia Vianna Ambrosio

Médica - Psicanalista (aPERj – Rio 4)
E Escritora.

Rua General Ribeiro da Costa 114 ap. 101
CEP: 22010-050, Rio de Janeiro, RJ.

analiavambrosio@hotmail.com

Telefone – 25308134.

Ana Lia Vianna Ambrosio – médica graduada em 1978 pela Faculdade de Medicina da fundação técnica educacional Souza Marques. Psicanalista graduada em 1987 pela SPRJ ou Rio1.

Filiada à aPERj (Rio4) como membro associado, exercendo as funções de coordenadora do CineRio4 e do Boletim científico.

Trabalhos publicados: autora do trabalho “Algumas reflexões sobre o conceito de verdade na psicanálise”, publicado na Revista Brasileira de Psicanálise XXII (3), 1988. Autora do tema livre “Assim é, se lhe parece”, apresentado no XI Congresso Brasileiro de Psicanálise, Canela, RS, em 1987. Co-autora do trabalho “Um porto menos seguro?”, apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise em Recife, 1993. Entre outros.

Escritora – filiada à Oficina Literária Ivan Proença. De 1990 até o momento. Tendo publicado 4 livros de contos: “Por causa do Azul” - 1993, “Espiral” - 2001, “Elisa” - 2002, “Pouso das Garças” - 2004. Pela Editora Oficina do Livro.

Resumo

A autora inicia o trabalho, falando do que significa uma pontuação analítica sobre uma obra de arte. Dos ganhos e dos limites.

Articula em Pirandello o conceito de falso e verdadeiro self de Winnicott. Como o escritor, através de seus personagens, retrata acontecimentos de sua difícil e penosa existência. Saindo, assim, de uma posição submissa para uma atitude ativa, através da Escrita. Alcança (?) a autonomia desejada na inovadora e criativa atividade teatral. Para Pirandello, a escrita sempre foi uma necessidade imperiosa de expressão.

Unitermos: mentira, máscara, aparência.

Abstract

The author begins her paper, talking about what an “analytical punctuation” on a work of art means. Its gains and its limits.

In Pirandello, she articulates Winnicott’s concept of false and true self. The way the writer, through his characters, reveals events of his hard and distressful existence, thus leaving a submissa position and adopting an active one. Through writing. Pirandello reaches (?) the desired autonomy in the innovative and creative theatrical activity. For him, writing was always an imperious need of expression.

Uniterms: lie, mask, appearance.

Da verdade e das aparências

“A vida não seria possível sem toda uma engrenagem de apreciações e de aparências, e se suprimisse o mundo aparente, com a indignação voltada contra ele por certos filósofos, supondo-se que isto fosse viável, nada restaria tampouco de nossa verdade.”

Nietzsche – “Além do bem e do mal” – (6 , 1998)

“Escrevo para atender uma necessidade imperiosa de me expandir. Ao mesmo tempo em que me distancio da impassibilidade profissional técnica, destinada a mim – eu me vingo. E vingo comigo todos aqueles que são condenados, a não ser, apenas, uma mão a girar uma manivela”.

Pirandello – “Última seqüência” - (9, 1988)

Introdução

Antes de iniciar propriamente Pirandello, gostaria de enfatizar o significado de interpretar uma obra de arte – seja ela qual for. Texto literário, filme, pintura, etc. Da impossibilidade de se ter uma verdade sobre o objeto em questão ou abordado. Talvez o que possamos atingir, limite-se a um fragmento só entre inúmeras compreensões e olhares. Pedir emprestado ao autor seu texto para meu uso próprio, estabelecendo, então, um novo ou

segundo texto (de nossa autoria), com significações e caminhos outros – ótica diferente. Freud já nos dizia das infinitas possibilidades de se interpretar um sonho, mas, sobretudo, da inviabilidade de alcançar seu umbigo. Equivalente de sua parte mais condensada, menos nítida quanto ao conteúdo manifesto. Postulado este válido para todas as formações inconscientes.

Questão similar à interpretação de uma obra de arte refere-se, também, à uma ligação de causa e efeito entre a biografia de um artista com sua criação. Na nossa literatura encontramos vários exemplos ou tentativas. Manuel Bandeira, com intensa musicalidade na poesia, teria como ponto de partida da vasta obra sua fragilidade física (tísico) e necessidade de elaborá-la. Cruz e Sousa devido à sua cor negra. Augusto dos Anjos possuía na sua trajetória de vida uma ferida ligada ao aborto – conteúdos recorrentes na obra falavam sobre sangue e do que não chegou a vingar. Restritiva a ótica?

Apenas pressupomos ou imaginamos; jamais uma afirmação, restando infinitas questões. Válida enquanto exercício a abordagem psicanalítica. Uma leitura entre tantas.

E, justamente, Pirandello vai falar sempre e de inúmeras formas das possibilidades de se enxergar um determinado fato, das múltiplas facetas nas quais a verdade se apresenta ou se esconde, isto é: das aparências. Refiro-me à verdade do desabrochar – aquela que incide num só momento, ampliando o conceito, até então, de verdade (absoluta e única).

Luigi Pirandello

Nasceu perto de Agrigento, 1867, num lugar conhecido como “Caós” – “Eu sou, então, filho do Caós, não de uma maneira alegórica, mas na própria realidade”. – (7, Pelicier, 1988). Os acontecimentos da época confirmam a assertiva do autor. Neste ano uma epidemia de cólera alastrava-se pela Sicília. Sua mãe (Catarina) retirara-se para a casa de campo da família (lugarejo supostamente mais protegido), dando à luz, prematuro o parto, uma criança frágil ou tida como tal. Luigi Pirandello – superprotegido devido às circunstâncias adversas com que viera ao mundo. Seu pai fora vítima da doença, mas escapara. Pirandello que nunca aceitara a própria existência, define seu nascimento neste grande tumulto como um fato, em si, irrisório. “Entre todos aqueles que morriam naquele ano, o nascimento de um só ser adquiria o sentido de uma reparação. Penso que os outros tinham como certo que eu nasceria lá, e em nenhum outro local, nem antes tampouco depois...”

No prefácio de “Seis personagens em busca de um autor” – (10, 1970). Pirandello nos fala: “O mistério da criação artística é o mesmo do nascimento”. Se viera ao mundo para reparar – como ter uma existência própria e autônoma? Desvinculá-la do “suposto” embrião?

A família da mãe – Gramitto – origem Siciliana: burguesa e tradicional, com marcante tradição política. Mestres, poetas, e padres conhecidos. Casamento dos pais de Pirandello foi considerado na época uma união patriótica, projeto comum após momentos de crises e guerras na Sicília.

Catarina era uma aristocrata culta, segundo padrões da época. Tímida, apreciando uma vida regrada e de reflexão interior, com quem o filho vai se identificar. A afetividade da mãe servirá como fio condutor e fonte nostálgica para Pirandello ao longo de sua vida e obra.

Ela manteve-se fiel às escolhas do filho – Escrita, frente a posição contrária do marido, que queria para o mesmo uma profissão técnica.

As mães, na obra Pirandelliana, são as únicas mulheres salvadoras e salvas, dentro de um universo de relações falsas e caóticas. Maternidade emerge como uma das raras crenças possíveis. Essa ternura pela mãe é evocada na novela “O retorno” – (9, 1988) .. “Para ele, o filho, sua mãe era aquela doce e plácida mulher, não concebendo-a diferente. Acolhido e protegido pelo olhar materno. E todo amor, puro e visceral, ele o percebia através da sua voz”.

Pirandello nunca fora um homem de ação? Embora: “Ao escrever, esquecia-me da vida” – (7, Pelicier) vivendo. Paradoxal. Ao escrever, ele transforma-se num autor incontestável. A vida, sobretudo, uma teatralização de suas idéias. Menos real que a arte e jamais seria uma criação absoluta, conciliável só. Idealização da supremacia literária? “A vida é escrava das ilusões e adversidades, traída pelo destino, pelos outros, por nós mesmos. A arte é uma realidade imune ao acaso. A arte vinga a vida. Na criação artística o homem torna-se Deus.”- prólogo de *Esta noite se improvisa*. - (7, Pelicier, 1988) .

Para Pirandello é tão complicado ser alguém com identidade própria, que se torna quase imperioso abarcar as imagens que os outros tem de nós, já que elas revelam – mesmo ao alienar-nos – facetas nossas suficientes para viver. Henrique IV endossou as imagens que os outros tinham dele, enlouquecendo (4 1965). Madame Ponza em “Assim é, se lhe parece” – (1, Ambrosio, 1987) - divide sua trajetória entre duas verdades ou versões, uma do marido e outra da mãe. “Eu sou tanto a filha de Madame Frola, quanto a esposa de M. Ponza. Eu sou aquela que os outros me crêem ser”. Através da fala final da personagem levantamos algumas considerações: ela não existe por si mesma, depende de quem a olha e com quem se relaciona. Representa múltiplas facetas da verdade. Mas não se trata só disso: há uma aura de mistério e impenetrabilidade na sua existência – como se fosse intocável. Esvai-se feito uma assombração. Todos nós precisamos dos outros para nos enxergarmos e nos conhecermos, o que demarca nossa “saúde” é o grau dessa dependência. Não só se ver no outro, mas também a garantia de possuímos vida numa ótica própria. Dialético o caminho e a viabilidade. Trágico? Precário? Vulnerável?

Relembrando Winnicott quando nos remete ao modelo de submissão que se instaura, caracterizando o desenvolvimento do ego em termos de falso e verdadeiro self (A). Num grau extremo de falso self, a pessoa não tem consciência de existir por si mesma. Ela se volta permanentemente para o exterior, para os outros, procurando um porto onde ancorar. Se vê em demasia no outro, sem desejo próprio. A espontaneidade cede lugar às imitações e estereotípias. É “como se” fosse alguém. O voltar-se para dentro é abolido pela urgência em atender e validar expectativas alheias. Olhar-se sozinho implica na ameaça de loucura, de não saber quem é. A ausência de uma imagem refletida representa, neste caso, o aniquilamento e a morte. Retornemos à personagem de Madame Ponza. Nas duas versões (delirantes) tanto da mãe como do marido, há uma alusão à morte e a algo que não é reconhecido como tal – sua existência. Ela não existe enquanto sujeito de sua verdade, de sua história, de seu enredo. Ela apenas adquire vida ao se encaixar nas necessidades e desejos alheios. A imagem final do luto, do véu que esconde ou protege a face, a sensação de impenetrabilidade, a ausência de emoção, remetem à idéia de um falso self implantado como real. Que para Winnicott, quanto à classificação das organizações do falso self frente à sua natureza defensiva, este seria o tipo mais extremo; onde o verdadeiro self permanece oculto. “Eu sou aquela que os outros me crêem ser”.

A família paterna de Pirandello: Stefano, seu pai, pertencia à uma clã de comerciantes (minas de enxofre). Herdeiro de uma fortuna considerável, apesar dos inúmeros irmãos. Não era ligado à cultura, mas expressando um dizer italiano – “um homem de respeito”. Homem do poder, do dinheiro, que tomou para si a rudeza italiana. Numa abordagem psicanalítica ensaiamos: vemos nos traços e características do pai, uma divisão interna (splitting) que P. constrói. Na sua obra, ele não se cansa de denunciar os exploradores e aproveitadores, que dizem respeito à uma classe privilegiada – alusão à descendência paterna. Por outro lado, P. não deixa de beneficiar-se desta mesma “fortuna” para realizar sua criação literária. Stefano é descrito como uma pessoa violenta, autoritária, e temperamental. Parece que a doçura da mãe equilibrava o casamento (?), perdoadando erros e excessos do marido. P. identificar-se-á,

posteriormente, à mãe (que segundo sua visão submetia-se a Stefano), confinado ao inferno e à loucura de sua mulher. Antonieta. Difícil para Pirandello dar-se conta de que através da doçura, sua mãe exercia um poder silencioso junto ao pai. Esquecendo que é a mãe que o introduz nos estudos literários, contrariamente à vontade e desejo do pai. Sem grandes obstáculos. Conjecturas e vertentes.

Fisicamente Stefano era um gigante. E seu enorme corpo (real e simbólico) permeou a obra do filho. Na novela “O Casamento Perfeito”, P. apresenta de uma forma invertida um casamento que desafia as leis da natureza. De uma gigante mãe – Catarina e de um anão pai – Stefano, desta união nasceram um casal de gêmeos gigantes. Inversão.

Outro adendo, P. era de uma compleição física mediana, semelhante ao lado materno. Imaginemos uma tentativa de ridicularizar a figura paterna, escondendo uma triangulação edípica difícil em realizar-se. Desqualificada pelas aparências. Na novela as crianças respeitam o pai, mas nada invejável a realidade dos gêmeos, porque o minúsculo pai é motivo de risos e piadas em volta. “A vida nunca pode ser completa, por isso sempre a presença da farsa. Um casal pode ser motivo de riso, mas a paternidade nunca pode deixar de ser séria”.

Outra figura de destaque na infância do P. – sua ama de leite, que lhe costumava narrar velhas lendas sicilianas. Referentes à almas do outro mundo e seres com poderes sobrenaturais. Certo fascínio pelo “fantástico” se faz presente na obra Pirandelliana (Os gigantes da Montanha, Pelicier). Sua ama transmitiu-lhe também severa prática religiosa, com a qual P. sensibilizou-se muito. Até aos nove anos de idade, ele manifestou um misticismo grandioso em relação à fé católica. Obtendo reforço da família materna. Lia sobre temas religiosos, praticando ao pé da letra os textos sagrados. Dois episódios vividos por P. vão fazer com que sua fé vacile. Um deles dizia respeito à uma roupa de marinheiro que havia ganho do pai: ele se apressou em doá-la a um menino pobre, obedecendo à parábola bíblica “Vestir os nus”. Parábola esta que retomará como título de uma de suas peças. O pai obrigou-o a recuperar a roupa, explicando-lhe os limites da dádiva.

Em outro momento, ao saber que ganhara uma estatueta da Virgem na rifa paroquial, deu-a a um mendigo, sendo, então, reprovado pelo padre. Que fez com que a tivesse de volta. P. descobre, através das duas situações, que entre o dito e o praticado, existem inúmeras verdades.

Observamos, pertinentes aos dois acontecimentos, traços que revelam uma intensa rigidez no seu funcionamento psíquico. Tendência obsessiva em apreender o mundo? – caracterizando uma atitude de passividade e evitação, frente aos incidentes novos ou inusitados da vida. Proteger-se contra o acaso: ação que vai se transpor para sua obra. Por exemplo, um dos consolos ou ganhos secundários de “Henrique IV” ao adoecer – vive, doravante, uma vida já determinada. Porque ela pertence à História. Viver verdadeiramente na época do século XII, na corte de Henrique IV, imperador. Por mais triste que seja o destino, tenebrosos os fatos e lutas, tudo já previsto. Nada mudará... Loucura enquadrada num sistema defensivo, sob controle. Necessários os sintomas, portanto. Como uma defesa ao acaso, ao imprevisto, ao que não temos controle – o imponderável de nossas vidas.

Sobre a vida amorosa de Pirandello, sabemos que aos dezenove anos, apaixonara-se por uma prima. Platônica e racional a paixão, mas que lhe inspira os primeiros poemas. O pai propõe a Luigi, que deixe os estudos literários; e que o ajudará a encontrar um bom trabalho no ramo dos negócios. Para que viva em paz com a futura esposa. Suportando todos os tipos de pressões familiares para que casasse com a prima, ele toma como pretexto um conflito com um dos professores da universidade, e deixa Roma. Rompe o noivado, viajando para a Alemanha. Talvez seja um dos poucos e breves momentos na vida de Pirandello em que a ação se faz presente. A única e verdadeira luta em que ele se empenha, de fato, seja a de

manter acesa a possibilidade de existir através da Escrita. Relembro Winnicott (B) quando nos fala sobre a natureza defensiva do falso self, classificando-o quanto às suas organizações – “A conciliação na normalidade deixa de ser aceitável, quando as questões se tornam cruciais. Isto acontece, quando o self verdadeiro se sobrepõe ao self conciliador.”

Somente o self verdadeiro pode ser criativo e real. Em Pirandello, ele vem à tona através de sua extensa obra literária. Deixa de ser submisso aos fatores ambientais que o influenciam, utilizando estes mesmos entraves, para passar de mero espectador, à condição de autor, via seus personagens. A arte vinga a vida – (5, Nardelli, 1937) -.

Na Alemanha, Pirandello percorre os grandes autores, fazendo, por exemplo, traduções de Goethe. Recebe influências de Nietzsche, e sobretudo de Schopenhauer. Esse encontro com a Filosofia o conforta no sentido de procurar um alívio para suas angústias. Aos vinte e cinco anos, adocece (primo infecção), regressando à Itália. Terra de origem. Estabelecendo-se em Roma, onde escreve seu primeiro romance. “O excluído”, sobre a temática do ciúme na Sicília, e, também sobre as pressões que os outros exercem na vida de cada um.

Seu pai, entretanto, não abandonara a idéia de iniciar o filho nos negócios. Em 1893, Stefano associa-se a outro homem influente no comércio – Portulano. Portulano mantém uma relação doentia com sua única filha, Antonietta, fazendo que, por ciúmes, esta fique sempre a seu lado. A esposa morrera de câncer algum tempo antes, sem jamais procurar um médico, para não estimular o ciúme do marido. Numa novela posterior “A Viagem” – (9,, 1988) -, Pirandello retomará este tema. A estória de uma mulher que só se permite viver sua grande paixão pelo cunhado, após saber que está com câncer.

Stefano planeja o casamento de Luigi com Antonietta, com a aprovação do filho, que, sequer conhecia a futura esposa. Interessava aos dois homens de negócios. Porque Pirandello sentia-se um eterno devedor à vontade do pai? Sua vida segue, sempre, a trilha da existência materna (na visão de Pirandello), povoada de atos de submissão ao marido – seu pai.

Em troca a este arremedo de matrimônio, Pirandello teria como garantido, poder trabalhar em sua obra, do jeito que quisesse. Preço altíssimo a pagar pela Escrita. Somente depois, veio a saber que sua noiva não escrevia tampouco se expressava. O dote de Antonietta é entregue a Stefano, organizando, este, a vida material dos dois. No mesmo ano de seu casamento, Pirandello publica uma coletânea de contos intitulada: “Amores sem amor”. – (7, 1988) - .

Pirandello e Antonietta tiveram, logo, três filhos, um após o outro. No decorrer da terceira gravidez, ela sofre uma crise depressiva, da qual não se recupera. Estruturando-se num delírio de ciúmes em relação ao marido, sem nenhum fundamento. Ele cede ao transtorno da mulher, prestando-lhe contas de todos os seus passos; justificava-se a cada instante. Aceita e compactua com o sintoma. E para não agravar-lhe as suspeitas, afasta-se dos poucos amigos. Ela não melhora, contrariamente o quadro evolui mal. Diante da insistência dela em demonstrar, que ele é uma pessoa diferente do que julga, ele duvida de si mesmo. Não chegando nunca a saber, realmente, quem é: “para ela não sou mais eu, quem eu penso que sou, e sim uma outra pessoa a mentir – eu sou como ela me vê.” Instaura-se um quadro de “folie a deux”, barreiras do eu não eu dissolvem-se progressivamente. Filhos se incluem, também, no sistema delirante, Pirandello saindo, sempre, com um deles a tiracolo, a servir de testemunho para Antonietta.

1915 – ano negro para a Itália, em que esta entra para a guerra. Morre a mãe de Pirandello, Catarina, e o estado de sua esposa agrava-se mais ainda. Neste mesmo ano, ele escreve a novela “Madame Frola e Monsieur Ponza”. Dois anos depois, faz uma adaptação dessa novela, criando a peça “Assim é, se lhe parece” – (8, Borsetti, 1970) -. A atividade artística a permear-lhe e a fundir-se, intrinsecamente, à sua vida. Constrói metáforas (da ordem do simbólico), e mesmo metonímias (da ordem do imaginário) ou símiles no enfoque literário.

Sem o saber e querer, transportando para seus escritos, através dos personagens e tramas, situações danosas em que se vê enredado na realidade. A funcionarem como um terceiro – registro do simbólico, inda que colado à si próprio, estruturando-o.

Somente após sua filha tentar o suicídio, devido às acusações da mãe sobre o incesto que cometera com o pai, Pirandello rompe este sistema familiar delirante. É ele ou a filha que, realmente, rompe? Admitindo o fracasso e a morbidez de uma insuportável vida, permite que Antonietta seja internada, e tratada psiquiatricamente. Algumas questões sobre a relação do casal merecem destaque. A delegação que ele faz à ela de sua identidade, levando-o à afirmativa: “eu sou como me vêem”. Frente à esta enorme dúvida quanto à própria identidade, será que a convicção ou certeza da esposa não forneceria, de alguma forma, um suporte à sua ambivalência. Guardando a “loucura” de ambos nas firmes e delirantes certezas.

Anteriormente, em 1903, após a queda do seu pai nos negócios (minas de enxofre), perdendo o dote de Antonietta, e esta a deteriorar-se num estado de catatonía; Pirandello vive uma enorme melancolia, com idéias suicidas – (5, Nardelli, 1937) -. Baseada na possibilidade de ruptura do enquadre doentio e perverso com a mulher? Entanto, ele dá aulas extras e inúmeros cursos particulares, até tornar-se professor titular em 1908. Não se encaixando mais na vertente especular. Mas fora no ano que se seguira à sua depressão (ou drama), que Pirandello publica “As duas vidas de Matias Pascal” – (2, 1965) -, obtendo glória e reconhecimento internacional. Arte imita a vida ou a vida imita a arte? Ficcional, tanto numa vertente quanta na outra, a realidade...

Mathias Pascal, um jovem pobre e sem ambição, que se casa cedo, sendo reprovado por todos de tê-lo feito sem condições. A questão material fornece ao anti-herói (surgimento) a chance de um “salto na vida”. Foge para Monte Carlo, e lá ganha uma fortuna no casino. Quando estava prestes a retornar, triunfalmente, para casa – sabe pelos jornais da sua morte, por suicídio. Diante deste engano, decide, então, em continuar morto, acreditando libertar-se das pressões e entraves da vida. Mathias Pascal muda de nome. Reconstrói-se como um filósofo alemão (Alemanha era a segunda pátria de Pirandello) – Adrien Meis. Posteriormente, percebe que dera um salto no vazio: nova identidade, apenas, ilusória – pior do que a morte. Já que convive com uma família igualmente desestruturada, onde se vê incapaz de administrar mentiras acerca do seu peculiar trajeto. Uma moça apaixonou-se por ele, inviável o amor, já que ele não pode se apresentar como real.

Necessário o reencontro da sua verdadeira vida e nome, reintegrar-se à real identidade de antes. Identificamos, talvez, nesta situação um diálogo mudo de Pirandello consigo próprio, na busca do seu caminho.

Ausente do mundo por dois anos, Mathias “suicida” Adrien Meis, e volta para casa, encontrando a mulher casada de novo. Com um amigo seu de infância; e uma filha. Das alegrias e da sonhada vida em família, ele não conserva mais nada, restando-lhe o desvalido trabalho. Bibliotecário, responsável por livros mofados e em decomposição, que ninguém lia; e aos quais ele acrescentará a estória de sua estranha aventura. Com uma condição: “de não deixá-la exposta, pelo menos durante cinquenta anos, depois do meu terceiro, último, e definitivo fim. Por que até agora, estou morto já por duas vezes...”

Em 1908, Pirandello escreve um “Tratado de humorismo”, onde desenvolve o tema, considerado psicológico, das máscaras. Que cada um reajuste sua máscara como puder, a máscara de fora. Porque dentro de nós, existe outra, que não se relaciona com a de fora. Estamos, sempre, mascarados – mesmo sem o desejarmos. Descreve três máscaras. Duas de fora, uma forjada para os outros, e a segunda pelos outros. A terceira, a de dentro, equivale à ilusão que temos acerca de nós mesmos. Importante ressaltar a similitude entre as máscaras e o conceito de falso e verdadeiro self de Winnicott. Guardando os diferentes viés (da cientificidade analítica e da singular construção literária).

TEATRO PIRANDELLIANO

A repetição de palavras, da morte que elas veiculam, será que ela não existe tanto na neurose (compulsão à repetição), quanto no teatro?

Pirandello cria na dramaturgia a improvisação, o teatro no teatro, a peça por se fazer. Exercício da meta linguagem. Criou, também, o efeito de surpresas (desafio), exibindo o teatro como espetáculo, os atores como homens. Personagens como criaturas do teatro, vorazes, a reclamar pelo espetáculo... Pirandello com o teatro, sobretudo, é certo de não se repetir, porque abandona sua obra a uma só representação. Seu trabalho termina antes que a obra do escritor se torne uma peça de teatro.

“Peça sem título”, “Seis personagens à procura de um autor”, “Esta noite se improvisa” – (11, 1985). Pirandello faz tudo para apagar as velhas palavras (viciadas) do texto, deixando a vida da criação artística evoluir por conta própria. O ideal seria em que cada noite a peça fosse diferente, isto é, representada e percebida diferentemente. Tal um jogo, uma brincadeira, uma surpresa. Freud, 1922, levanta a hipótese de procurar na infância os traços da atividade inventiva do artista. Encontra-os no exercício favorito e mais intenso da criança, que são os jogos e o brincar. Ao brincar, a criança comporta-se tal um artista, criando um mundo novo – ajustando-o numa diferente forma os elementos do próprio universo. A antítese do brincar é o real. O escritor faz o mesmo do que a criança ao brincar: criando um mundo fantasioso, leva-o a sério, investe nele uma grande quantidade de emoção – catexia – e distingue-o bem da realidade. (?) Ao crescerem, afirma Freud, trocam-no pelo fantasiar, não renunciando ao prazer da brincadeira. Surgem os devaneios, difíceis de serem observados, porque os adultos envergonham-se das próprias fantasias (conteúdos dos devaneios), ocultando-as por serem infantis e proibidas.

Pouco a pouco, a escrita literária, a prisão neurótica, se estruturariam de outra forma. “Ao diretor de teatro que insiste para que a peça seja escrita, o pai (um dos seis personagens à procura de um autor) declara que não se trata de escrever, e sim de transcrever, fiel, a vida”.

É no teatro, onde Pirandello ousa mais o desafio a si próprio. Tenta e deseja a improvisação, contrariamente à sua maneira de ser e estar no mundo. No teatro ele se supera, indo mais além da postura submissa.

Apesar dos efeitos de surpresa, da improvisação, Pirandello, às vezes, tempera a percepção brutal de uma cena conflitiva com a criação do “personagem racional”. É o caso de Laudisi, em “Assim é, se lhe parece”, que tenta refrear o intenso desejo, de chegar-se à verdade. Conter a loucura, que incide numa pequena cidade, diante dos enigmas relativos a três de seus cidadãos.

SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR - (10, 1970) –

Constitui um marco fundamental na obra dramática de Pirandello. A peça se inicia com um grupo de atores em ensaio, sob a supervisão de um diretor. O trabalho é interrompido pela chegada de seis pessoas, que se apresentam como personagens – nascidas na imaginação de um autor, que depois se recusou, a escrever-lhes a história. E pedem aos atores que as representem. A ação se desenvolve em diferentes níveis de fabulação; a luta do personagem com o diretor, transformado em autor. A luta entre os vários personagens, em desacordo constante, sobre o significado, ou mesmo, sobre os fatos das histórias vividas por cada um, diferentemente.

Os seis personagens deste autor (conhecido por provar que o certo é errado, ou vice versa, assim como os sofistas), são: um pai, uma mãe, uma enteada, um filho, um rapazinho, e Madame Pace. Esta peça nasceu num momento em que Pirandello estava cheio de fantasias,

justamente, com os seis personagens, mas negando-se a escrever, apenas, sobre o drama pessoal de cada um. Inovar – o seu desafio.

“Já afligi bastante meus leitores (meta texto) com centenas e centenas de novelas, porque atingi-los, ainda, com a narração costumeira dos casos dolorosos desses seis infelizes?” - 11 - .O autor sentia-se mal por estar pressionado (por si próprio) a dar vida àquela história. “Uma vida que não está mais em meu poder negar a eles; tão verdadeiro que, embora insistisse em afastá-los do meu espírito, eles continuavam a viver como autônomos”.

A partir dessa busca constante, sendo tentado nos momentos de extrema solidão em seu gabinete, Pirandello descreve o caso inédito de um autor que se recusa a dar vida à fantasia, deixando os seis personagens agirem por si. “Vamos deixá-los viver como personagens dramáticos no palco, e ver o que acontece”. Assim, nasce uma mistura de trágico e cômico, de fantasia e realidade, numa situação humorística nova e fundamental.

Porém, para dar vida aos personagens, Pirandello sugere o uso de máscaras. “Fabricadas para libertar os olhos, o nariz, e a boca, a interpretarem o sentido profundo da peça. Os personagens não devem aparecer como fantasmas, e sim como realidades criadas - construções imutáveis da fantasia, por isto, mais reais e consistentes do que a volúvel naturalidade dos atores”.

Em 1924, Pirandello adere ao partido fascista (meses depois do assassinato do deputado socialista Mateotti). No ano seguinte, contando com o apoio do Duce, cria sua própria companhia: Teatro da Arte.

Sobre a relação de Pirandello com Mussolini (além do interesse em jogo), certo que o primeiro fascinara-se pelo homem de origem simples, sua ascensão vertiginosa, sua capacidade de persuasão. E, sobretudo, de impor-se como chefe e guia de uma nação. Visto como uma réplica do pai? Tão renegado antes. Retaliação?

Pirandello adaptava-se bem às posições de responsabilidade, desde que houvesse um superior à quem admirasse, submetendo-se, também, à essa pessoa. Que confiasse nele. Nestas ocasiões, exercia a possibilidade de domínio, inda que por procuração... “Obedecendo-se à si próprio”- solução conciliadora viável da agressividade e submissão em Pirandello.

Felizmente, sua adesão ao fascismo durou, apenas, alguns anos. Distanciando-se, quando compreendeu que o “ator grotesco Mussolini” representava uma sórdida mentira, cravejada de atos desonrosos e arbitrários. O Duce, temperamental e raivoso, persegue-o, ironizando sobre sua vida particular. Pirandello parte em exílio para a França, em 1928 escreve: “Necessário deixar a Itália, a política toma conta de tudo, vida torna-se asfíxiante. Partamos para bem longe”. Pirandello não se questiona, nem pretende uma posição política, de fato – à margem, ainda, dos reais acontecimentos?

Em 1934, recebe o prêmio Nobel de Literatura.

Última parte da vida de Pirandello é marcada pelo encontro com Martha Abba, jovem atriz que se tornará sua intérprete dileta, e, também, musa, numa relação amorosa platônica. “Minha filha preferida (como ele a nomeia no testamento), que com um sentimento puro e nobre, reconfortou-me nos últimos dias de uma vida errante.” – 7 - . Incestuosos os vínculos de amor em Pirandello?

Pouco antes de morrer, ele organizou seu enterro, por escrito, como fosse um desconhecido, um anônimo, surpreendendo a todos. Tal uma de suas peças? A derradeira.

“Que minha morte transcorra silenciosa. Aos amigos e inimigos, suplico que nada divulguem na imprensa. Quando eu morrer: não quero que me vistam, nem flores, tampouco coroas. Caixão – o mais simples possível, que ninguém me acompanhe, sequer familiares. Cremado.

Que minhas cinzas sejam lançadas ao vento, nada restando de mim. Na minha cidade natal, as cinzas ao vento.” A arte vinga a vida.

Apesar disso, sua casa foi declarada monumento nacional.

(A) Winnicott, 1960 – idéia de um falso self implantado como real.

(B) Winnicott, 1960 – Conciliação deixa de ser aceitável em momentos cruciais.

BIBLIOGRAFIA

Ambrosio, Ana Lia Vianna. “Assim é, se lhe parece” – Canela, 1987. Tema livre do Congresso Brasileiro de Psicanálise, Rio Grande do Sul.

Feu Mathias Pascal. (As duas vidas de Mathias Pascal) Livre de Poche, Galmann Levy, Paris, 1965.

Freud, Sigmund. Escritores criativos e devaneios, S.E., Rio de Janeiro: Imago Ed. Vol IX.

Laroche, Armand. Approche psychopatologique de la vie e oeuvre de Luigi Pirandello, Haitier, Paris, 1965.

Nardelli, F, U. O homem secreto, Gallimard, Paris, 1937

Nietzsche, F. Para além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. S. P. Cia das Letras, 1998.

Pelicier, Nicole. Pirandello et la psychopathologie. Academie de Paris, Université René Descartes, Paris, 1988.

Pirandello, Luigi. Chacun sa verité. (Assim é, se lhe parece) Analyse critique par Gilbert Bosetti, Paris, Haitier, 1970.

Pirandello. Nouvelles pour une année. Vol. 1, 2, 3, 4. Gallimard, Paris, 1988 .

Six personnages en quête d’auteur. Livre de Poche, Gallimard, 1970.

Theâtre complet, Pirandello. Bibliothèque La Pleiade, Gallimard, Paris 1985.

12- Winnicott, D, W. O ambiente e os processos de maturação. Distúrbios do ego em termos de falso e verdadeiro self (1960). Artes Médicas, 1987, Porto Alegre.

TERAPIA ANALITICA DE FAMILIA.

UMA REVISÃO.

Lindemberg Rocha.*

A Família.

Com freqüência tem-se a idéia de que a família é uma estrutura fixa, imutável. Entretanto, uma de suas características é exatamente a sua mutabilidade no correr da História e mesmo na história de cada família em particular.

A família romana da época Imperial, tem pouco a ver com a família que conhecemos hoje. O vínculo determinante era a submissão a um chefe, o pater familiae, que exercia a função de um rei todo poderoso.

É por isso que Weber via o sistema do pater familiae, como a forma primitiva de governo. (1)

Não custa lembrar que a estrutura da família não sofreu uma transformação homogênea no correr do tempo. Na verdade diversas estruturas de família convivem simultaneamente em uma determinada época.

Vemos assim o ressurgimento do pater familiae, no senhor de engenho da época colonial brasileira. “Não foram raros os casos como o de Bernardo Vieira de Melo, que suspeitando a nora de adultério, condena-a á morte em conselho de família e manda executar a sentença, sem que a Justiça dê um único passo no sentido de impedir o homicídio, a despeito de toda a publicidade que deu ao fato o próprio criminoso.” (2)

Marx ressalta esse aspecto histórico da família ao propor uma lei tendencial do seu desenvolvimento, ou seja, a um nível baixo de divisão de trabalho corresponde uma união mais forte com o grupo. Segundo ele, devemos ao modo de produção capitalista a família tal como a conhecemos hoje: “cada vez mais com a função de reprodução e educação e cada vez menos com a de unidade produtiva. (3)

*- Psicanalista. Membro efetivo da APERJ-Rio4.
Mestre em Medicina Social- I.M.S.- U.E.R.J.
Terapeuta de família e casal.

Em todos os grupamentos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da Cultura, presidindo assim, os processos fundamentais do desenvolvimento e da continuidade psíquica entre as gerações.

Por que a família adquiriu a centralidade desses processos?

Porque cada família está sempre reeditando o passo fundamental, graças ao qual, pelo qual, mas sobretudo no qual se realiza a passagem da Natureza á Cultura. (4) Que passo é esse sempre necessitando ser reeditado? A proibição do incesto. Essa proibição no interior da família patriarcal gera o complexo de Édipo tal como o conhecemos.

Constatamos, assim, que é em torno de uma proibição, de uma lei, a Lei primordial, que se organizam as relações de parentesco e, por extensão, as relações sociais. Ou seja, é através da Lei que se ascende á Cultura.

A família pode ser examinada sob um duplo eixo, o da diacronia - que é o da história – e o eixo da sincronia, que é o da estrutura.

O Édipo é o exemplo clássico de uma estrutura inconsciente em torno da qual se organiza a vida afetiva do grupo familiar.

No eixo da diacronia, verificamos que houve uma contração do grupo familiar. O termo contração é usado exatamente para deixar claro que não houve uma simplificação do grupo familiar, mas uma contração que mantém a sua complexidade.

O grupo reduzido em que se transformou a família moderna e a importância que o casamento assumiu levou Durkheim a designá-la de família conjugal. (5)

Todos nós nos acostumamos com a ideia da família como célula mater da sociedade. A sociedade como um prolongamento desse tecido celular. Entretanto aquilo que ordena a sociedade, o Estado, não é uma simples ampliação do círculo familiar.

Na verdade pertencem a ordens diferentes. Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar surge o Estado e por consequência o cidadão. (6)

Em Antígona, Sófocles genialmente exprime a incompatibilidade entre o direito “natural” e o direito do Estado. Antígona invoca o direito “natural”, familiar de enterrar os seus mortos e o tirano, Creonte, invoca o direito do Estado para exercer sua vontade soberana. (7)

Após esse percurso histórico, podemos nos perguntar: como é a família ocidental hoje?

A família hoje continua numa transformação acelerada resultante de uma revolução contínua e que certamente marcou profundamente o séc.XX. A revolução feminina.

A entrada da mulher no sistema de produção, ou seja, da produção extra doméstica, aliada ao desenvolvimento dos métodos anticoncepcionais trouxe para as mulheres uma liberdade econômica e sexual que está levando a maior revolução social da História. Isso porque não é mais uma luta entre povos diferentes ou classes diferentes ou religiões diferentes.

É uma luta tenaz e cotidiana em cada família, dentro da mesma classe social, econômica, etc. A mulher está continuamente colocando em questão a própria identidade do homem, obrigando-o a abrir mão do pressuposto em que é criado, ou seja, o da superioridade do homem em relação à mulher, em função simplesmente da diferença de sexo. (8)

Estamos nos aproximando assim de um trecho célebre de Marx em seus Manuscritos econômico-filosóficos, de 1844, em que ele escrevia:

“A relação imediata, natural, necessária do homem com o homem é a relação do homem com a mulher... A relação do homem com a mulher é a relação mais natural do homem com o homem e nesta relação aparece, então, até que ponto o comportamento natural do homem se tornou humano, ou melhor, até que ponto sua essência humana se tornou essência natural. Nesta relação vemos, então, como outro homem, como homem, se torna uma necessidade para o homem, e até que ponto o homem em sua existência mais individual é ao mesmo tempo, comunidade.”

É por isso que a relação entre o homem e a mulher, para Marx, torna-se parâmetro essencial para o julgamento das épocas e das sociedades.

Uma das consequências dessa revolução é sem dúvida a dessacralização do corpo da mulher. O corpo é algo para ser exibido. Tornou-se simples superfície como que descolado de seu possuidor e a relação sexual tende a ser cada vez mais um mero exercício tecnológico.

A questão fundamental da reprodução e da filiação passam para um segundo plano ao qual é relegado também a responsabilidade social das relações entre o homem e a mulher.

Para isto tudo contribuiu a nossa época moderna, caracterizada pelo império da economia global e totalitária que tudo abarca, assumindo o lugar da política, das ideologias, das artes, da ética. Com o seu domínio, ruíram todos os princípios, valores, parâmetros que nos últimos dois mil anos informaram e co-formaram a cultura Ocidental. (9)

2-Família e Psicanálise.

A família como grupo atuante psicologicamente não mereceu a atenção de Freud. Como diz Elias, é provável que ele considerasse parte do que ele chamava realidade em contraposição às fantasias.

Conceituou seus achados de um modo que levou a crer que todo ser humano é uma unidade fechada em si mesma, um homo clausus. (10)

Entretanto, apoiou sua teoria das neuroses em torno de um núcleo central – o complexo de Édipo - uma forma literária de se referir a uma família primeva, mítica, original.

Pensou assim no que mais tarde se convencionou chamar de família interna, sem relação direta com a família externa, concreta, de carne e osso.

Entretanto, não se livrou tão facilmente da família concreta. Nos alvares da psicanálise, em 1897, Freud genialmente faz uma descoberta que considera de suma importância, algo como um caput nili da neuropatologia.

Usa uma metáfora antiga - a descoberta das nascentes do Nilo - para sua descoberta das nascentes da psicanálise que é a teoria da sedução.

Teoria que consiste em colocar em relação uma realidade efetiva, concreta - a sedução – com uma teoria que pretende explicar a totalidade da psicopatologia e que através da noção de recalçamento o que se encontra é a gênese do sujeito humano, possuidor de um inconsciente e de uma sexualidade. (11)

Por outro lado, concordamos com a luta contra o familiarismo que pesa sobre toda a psicanálise, luta que Ferenczi iniciou e que Laplanche continuou.

Como bem acentuam, podemos nos tornar um ser humano sem uma família, mas não sem a confrontação com o mundo adulto. Sem o confronto com os significantes enigmáticos da sedução.

2-Terapia Analítica de família.

Quando falamos de terapia de família, estamos nos referindo à terapia do grupo familiar. Ou seja, estamos considerando a família como um grupo que possui um funcionamento não só no plano consciente como também no inconsciente. É uma terapia grupal, cujos componentes possuem uma história em comum consciente e inconsciente.

Essa íntima inter-relação frequentemente adquire uma importância determinante na evolução psíquica dos seus membros adquirindo tonalidades de um quase destino.

Creio ser importante traçar um histórico breve do surgimento da terapia de família no Rio de Janeiro.

Não por saudosismo, mas, por ser claro o seu entrelaçamento com as teorias psiquiátricas que estavam revolucionando o atendimento aos chamados “loucos” no final da década de 60 do século passado e que bizarramente coincidiam aqui entre nós com uma outra revolução, a militar. A antípoda.

Acredito não ser mero acaso que o movimento de comunidades terapêuticas tenha surgido entre nós exatamente em 67/68, no auge da repressão política. (13)

Violentados em todos os seus direitos de participação cívica, jovens psiquiatras e muitos estudantes de diversas áreas entusiasmaram-se com a comunidade terapêutica.

Sonharam implantar nos hospícios, centro secular da repressão e da violência sem limites, justamente tudo aquilo que desejavam que ocorresse no País. Ou seja, o respeito pelo

indivíduo, por seu direito a voz e voto e a uma participação ativa no próprio destino. Como o que se buscava era a democracia, multiplicaram-se as terapias grupais. As assembléias etc. Morria uma Psiquiatria de base biológica, constitucional, determinista. Nascia uma Psiquiatria psicodinâmica, com preocupações filosóficas (a anti-psiquiatria), sociológicas antropológicas e que clamava por liberdade para loucos e sãos.

A comunidade terapêutica deu provas do seu valor não só na humanização do hospício como comprovou a importância das contribuições da psicanálise e das técnicas grupais.

Além disso, permitiu a toda uma geração de estudantes uma aproximação menos temerosa com a loucura do louco com a da instituição e a própria.

Um dos desdobramentos do movimento de comunidade terapêutica foi a terapia de família por se constatar que a família estava presa a um funcionamento inconsciente que escapava às formas de terapia então disponíveis.

Com a primeira família que atendi em grupo

(1970), o filho de 18 anos, psicótico, na primeira vez que obteve uma saída de fim de semana, o pai entrou em grave crise de ansiedade tendo procurado o pronto-socorro do hospital por indicação do próprio filho. Não havia como fugir da idéia de um grupo em íntima interação intra-psíquica. (14)

A associação entre família e loucura é tão antiga quanto o Tempo. Atribuía-se sempre a uma causa constitucional ou genética.

A psicanálise introduz a herança psicológica. Os filhos reproduzem os conflitos intra-psíquicos dos pais e com frequência dos próprios avós.

A psicose foi o objeto primeiro das terapias de família. Entre outras razões por ser um ponto de resistência tanto à psicanálise quanto a psico-farmacologia. E continua sendo.

Isto porque, embora a loucura (psicose), seja um fenômeno da Cultura, nem por isso deixa de ter suas raízes na Natureza. Ou como disse Sabato: "...uma das trágicas precariedades do espírito mas também uma de suas sutilezas mais profundas é sua impossibilidade de ser senão mediante a carne."

Às vezes a questão da classe social adquire tons dramáticos.

Um filho único e aluno brilhante interrompe a universidade repentinamente, não mais saindo de casa. Ensimesmou-se. A mãe esbraveja contra esse filho que ela criou para presidente. Agora dizia: "Vá ser funileiro, sapateiro, ou o diabo que você quiser."

Pode parecer claro que o filho se recusa a ser o puro desejo da mãe.

Mais tarde a mãe conta que menina pobre estudou de favor até terminar o ginásio quando então disse para a mãe que queria estudar medicina.

A mãe calma e suavemente perguntou: Você está louca minha filha?

Vemos então que o desejo enlouquecedor da mãe sobre o filho nada mais é que o seu próprio desejo, justo e adequado, que a profunda estratificação social na qual vivemos transforma em louco e enlouquecedor.

Outras vezes é um determinante ideológico que preside a estruturação familiar como no caso das famílias do chamado self made man.

Os dois pólos presentes na origem da loucura, o biológico e o social, se interpenetram em uma estrutura intermediária entre o indivíduo e o social, a família.

Podemos dizer que a teorização sobre a família como grupo psicológico, também oscila entre dois pólos. Um que tem origem nas teorias da comunicação. (16) Outro que nasce da psicanálise.

A tória da comunicação realizou um esforço importante ao chamar a atenção para as características comunicativas das famílias com um membro psicótico.

Conceituou o que chamou de duplo-vínculo.

Entendemos de outra forma.

Atrás dos distúrbios de comunicação, encontramos as motivações, o desejo. É o desejo inconsciente que produz, alimenta e mantém o duplo vínculo.

Freud (17), ao utilizar o mito de Édipo como modelo da neurose, o faz considerando como algo intra-psíquico, inconsciente e individual.

Na terapia familiar, Laio, Jocasta, Édipo, etc., não são apenas personagens de um drama intra-psíquico. São seres concretos, pertencentes a uma determinada classe social, possuidores de um inconsciente estruturado no modelo edipiano, que interatuam permanentemente de forma consciente e inconsciente.

Diferentemente da análise individual, a terapia de família gira com incômoda frequência em torno do pai. Não só o pai de carne e osso, mas principalmente o pai simbólico.

A família que nos procura está sempre às voltas com problemas que vão além da simples neurose. Questões que envolvem os excessos. Os excessos emocionais, os excessos aditivos, etc.,

Por isso mesmo são problemas em torno dos limites, em torno da Lei, simbolizada pelo Pai.

Sabemos que com frequência essa função –a de pai simbólico- é exercida pela mãe

Presenciamos também os transtornos que essa confusão de papéis, confusão de línguas, causa. Entretanto, não é possível ser pai sem a concordância da mãe.

Nem de deixar de sê-lo.

Uma vez, um pai aflito, perplexo, me procurou. Tinha um filho de cinquenta anos que continuava totalmente dependente dele. Não suportava mais aquilo. A sua questão era muito precisa: até quando um pai é pai?

Estamos convencidos hoje que a família embora não tenha a importância determinante na eclosão da psicose como já se pensou nos estudos iniciais da anti-psiquiatria, continua sendo o núcleo básico sem o qual dificilmente podemos esperar a saída da psicose.

A família precisa de um espaço que a ajude a simbolizar situações tão terríveis. A lidar com o espectro da morte presente em toda loucura.

Esse espaço privilegiado é o proporcionado pela terapia familiar.

SUMÁRIO

O autor faz uma revisão de sua experiência de terapeuta de família. Procura mostrar o tempo histórico e político do seu surgimento no Rio de Janeiro e as correntes de pensamento que então se confrontavam com a psiquiatria dita clássica por seus compromissos com a biologia, com a genética e por isso marcadamente determinista.

A terapia de família surge nesse confronto, assumindo as contribuições da psicanálise e das ciências sociais para o entendimento do fenômeno da loucura.

Bibliografia.

- 1,3 e 5-Cerroni,U e outros.- A crise da família e o futuro das relações entre os sexos. Paz e Terra ,1971.
- 2,6-Buarque de Holanda,S. Raízes do Brasil.- Companhia das Letras,2006.
- 4-Levi-Strauss,C. – As estruturas elementares do parentesco.Vozes,1976—RJ
- 7-Sófocles. Antígona. Difel- RJ - 2001.
Tradução de Domingos P. Cegalla.
- 8- Rocha,Lindemberg- A família como instituição. Trabalho apresentado no VII Cong.Bras.de Psicoterapia analítica de grupo-1988
- 9-Carneiro Leão,E.- A Ética da Violência. Conferencia na aPERJ-Rio-4 – 2004-Gravação.
- 10- Elias,N e Scotson, J- Os estabelecidos e os “ outsiders”. Jorge Zahar Editor-RJ - 2000.
- 11- Laplanche, J – Teoria da sedução generalizada.- Porto Alegre, Artes Medias,1988
- 12- Rocha,Lindemberg – Terapia Familiar .Por que? In Grupo sobre grupo.Org. Py ,L.A. –Ed. Rocco- Rio -1987.
- 13-Santos,O e Simplício,W., “Uma experiência-Piloto no Hospital Odilon Galotti” in Revista do Serviço Nacional de Doenças Mentais,1967.
- 14-Rocha,Lindemberg- Estudo das relações psicológicas entre o individuo e a família e suas repercussões teórico-clínicas.Dissertação de mestrado em Medicina Social. I.M.S,- U.E.R.J.-1980
- 15- Sabato.Ernesto- Sobre Heróis e Tumbas- Ed.Francisco Alves Rio- 1980.
- 16-Jackson,D., Pragmática da comunicação humana São Paulo ,Editora Cultrix ,1973.
- 17- Freud,S., Totem e Tabu.Rio Imago editora ,1974.

O Significado Atual da Cura em Psicanálise

Eliana M.S. Lobo – APERJ-Rio4

Os primeiros tempos da Psicanálise traziam uma perspectiva bastante otimista com relação à cura. Os sintomas se rendiam ao poder da palavra e análises de meses, e até de semanas, pareciam ter resolvido questões neuróticas que antes provocavam grande sofrimento. Tratava-se de evidenciar o trauma originário e sua descoberta e ab-reação produzia um efeito quase miraculoso.

Mas aos poucos foi ficando claro o quanto eram insuficientes os resultados de tais análises e a complexidade da vida psíquica foi se revelando progressivamente, muitas vezes com conseqüências catastróficas. A princípio bem sucedido, o caso de Anna O. foi se constituindo numa ameaça e depois num grande fracasso, devido às vicissitudes da transferência amorosa que Breuer teve tanta dificuldade de enfrentar.

Esse papel ambíguo da transferência – instrumento de trabalho e arma de poder – parece, para citar apenas mais um exemplo, - ter contribuído intensamente para o desentendimento entre Freud e Ferenczi e para a derrocada deste último. Sabemos que Ferenczi se analisou com Freud em alguns períodos curtos, e que depois de um período de transferência positiva (e idealizada) surgiu a transferência negativa que, como não pôde ser trabalhada foi criando um abismo cada vez maior entre mestre e discípulo (embora Ferenczi solicitasse uma continuação da análise, esta continuação nunca ocorreu).

Os conflitos dos primeiros analistas com seus pacientes e na comunidade analítica que se iniciava, levaram à dolorosa constatação de suas próprias dificuldades e patologias. Impôs-se a necessidade de análise para o analista – e análise o mais completa possível.

Concepções como “tornar consciente o inconsciente”, passaram a ser associadas com análises de duração cada vez mais longa e a idéia de cura foi se evidenciando, cada vez mais, como uma ilusão utópica. O mal-estar tomava conta da Psicanálise.

Esse descontentamento se associou a toda uma mudança de valores: a sexualidade, antes reprimida e, até por isso mesmo, causadora de sintomas neuróticos, tornou-se artigo de consumo banalizado e descartável, e já não pressupõe uma relação de objeto, mas meramente um uso.

No panorama atual, dominado pelo individualismo, fala-se em perda de interesse na Psicanálise, como sendo uma forma de pensar anacrônica, que já não dá conta das questões que se apresentam como geradoras do sofrimento do ser humano do século XXI. Os pacientes tentam buscar saídas mais rápidas e que não impliquem em compromisso.

É nesse contexto alienante que se situa o desafio para a Psicanálise contemporânea.

.....

“Uma Psicanálise não é um investimento científico imparcial, mas uma medida terapêutica. Sua essência não é provar nada, mas simplesmente alterar algo.” (Freud, S., Análise da fobia de um menino de cinco anos, 1909, S.E.vol.X, p.112). Quando assim se expressa, referindo-se ao caso do pequeno Hans, Freud privilegia a dimensão do tratamento. Mesmo que saibamos o quanto é importante para ele que a Psicanálise seja reconhecida como disciplina científica, aqui têm prevalência o tratamento, e a investigação cuidadosa que o sustenta.

Cada paciente que nos procura é, em certa medida, uma vítima dos seus conflitos pulsionais e do seu desamparo. Mas muitas vezes nem sabe disso, e nem sabe tampouco o que pode esperar de uma análise.

E o que podemos realmente oferecer, àquele que se propõe à aventura analítica? Oferecemos um enquadre, que irá viabilizar um processo. Alguns pacientes irão se beneficiar mais do enquadre, e outros participarão mais do processo, em diversos graus, cada qual com sua singularidade.

O enquadre psicanalítico (consultório, divã, número de sessões, tempo de cada sessão, etc.) tem dois aspectos, o de continente e o de limite, permitindo que o paciente se sinta acolhido e protegido de um transbordamento aniquilador. A partir da estabilidade desse enquadre, o relacionamento analista-paciente, com toda sua carga de afetos, pode se instalar, dando início ao processo.

.....

Vários autores já se detiveram na importância das entrevistas preliminares (Aulagnier, Freud, Rocha F.) para que o analista possa avaliar as fantasias que o paciente em potencial tem em relação à cura, a sua disposição e capacidade de lidar com as inevitáveis frustrações que o aguardam: pode ser que espere adquirir uma invulnerabilidade, que vai se revelar inalcançável; ou que pretenda entregar o pacote de sua doença para que o analista o carregue. É possível que tenha algum acesso às causas dos seus males, e o que importa é se as teorias que criou para explicá-los são passíveis de verificação e transformação. E ao mesmo tempo, o analista precisa se questionar até que ponto está disposto a se engajar numa relação com essa pessoa – “suas possibilidades de assumir o lugar de analista com aquele paciente em particular” (Rocha, F., 2000). Todos estes fatores irão determinar em que medida o tratamento pode vir a ser bem sucedido.

Sabemos que a possibilidade de ocorrer um processo analítico depende de o analisando poder aceitar a existência do inconsciente (Aulagnier, P., 1973, apud Rocha, F.). Já que dentro dele há todo um movimento do qual ele só toma conhecimento através dos efeitos, das derivações, não é infrequente que o paciente tenha dificuldade de reconhecer o inconsciente como parte do seu próprio psiquismo. O bom resultado da análise irá depender desse reconhecimento, que o habilita a se apropriar de si mesmo como um todo, e a perceber o que lhe falta – e que vai tentar preencher com a análise (até descobrir que não é possível e elaborar essa frustração).

Em “Análise Terminável e Interminável” Freud aponta para o limite de todas as análises, qual seja o rochedo da castração. É como se, a partir desse encontro com o inevitável, o sujeito retirasse do processo analítico a sua capacidade de investimento. E no entanto, parafraseando Winnicott, (Winnicott, D., Fear of Breakdown) a sua própria busca de análise já

o definiria como “castrado”, na medida em que conseguiu se dar conta da sua incompletude e de sua necessidade do Outro; mas “...toda descoberta é feita mais de uma vez, e nenhuma se faz de uma vez só.” (Freud, S. *Psicanálise e Psiquiatria*, in *Conferências Introdutórias*, S. E., vol. XVI, p. 305).

Em pacientes com um ego estruturado, e cujas dificuldades são mais específicas, (Freud se refere a casos em que o trauma é localizado) em geral é possível um prognóstico bastante favorável, o que inclui “libertar-se dos sintomas e superar as resistências”. Mas não é o que ocorre na maioria das vezes: atualmente quem nos procura costuma ter dificuldades bem mais graves, e traumas cumulativos (Ferenczi, S., Khan, M.) que atingem toda a personalidade. Nem sempre desaparecem os sintomas, que podem ser considerados como a melhor forma possível de defesa para lidar com um sofrimento psíquico intolerável.

O tratamento psicanalítico se estendeu da neurose para psicoses, adições, patologias narcísicas e condições borderline – enfim, casos-limite.

Estes novos pacientes demandam do analista muito mais do que interpretação do recalcado, tendo em vista que seu inconsciente se constitui de muitos aspectos que não puderam ser representados, e que portanto vêm à tona sob forma de sensações corporais vagas, climas emocionais difusos, atuações. Aqui estamos em outra área, na qual a palavra não chega a dar conta porque se trata de fenômenos pré-simbólicos. Portanto os parâmetros do método psicanalítico precisarão ser estendidos e alterados, utilizando e levando em conta a experiência emocional do analista, na busca de preencher, de forma intersubjetiva, as lacunas representacionais “para sempre excluídas de qualquer apreensão de conhecimento por parte do Eu, e que, no entanto, permanecem como parte integrante do componente somático que acompanha toda emoção”.(Aulagnier, P. – *O Eu e suas representações*).

Esse preenchimento por parte do analista só pode ocorrer em um contexto de grande investimento, que lhe permita vivenciar, de forma vicariante, aqueles aspectos que o paciente transmitiu, sem se dar conta e de forma extra-verbal, e que provocaram o sofrimento psíquico e o impasse. Qualquer quebra de sintonia, qualquer tentativa de acelerar um processo por si só tão delicado, será vivida pelo paciente como uma invasão insuportavelmente violenta.

À medida que a Psicanálise amplia seus limites, e casos, antes considerados inalisáveis, passam a ser acolhidos, o nosso instrumental técnico também tem se ampliado para dar conta de novas questões. Do espaço intrasubjetivo fomos avançando, via relações de objeto, para a compreensão da intersubjetividade, até os fenômenos transgeracionais, em busca de lidar com esses fenômenos que escapam à ação da palavra e se manifestam sob forma de graves perturbações. Os pacientes que pela extensão de sua patologia, em geral psicótica, têm reduzida a sua autonomia, podem por vezes se beneficiar de terapias familiares, através das quais suas angústias aterradoras podem encontrar expressão. “Poder contar com um território de intermediação familiar funcional, cria um continente para o eu ante a chegada de acontecimentos traumáticos” (Tozzatto, M. I., *Grupo Familiar e Psicanálise: Ressonâncias Clínicas*, p.78, 2007, Vetor Editora). Tem sido muito estudada, na atualidade, a transmissão intersubjetiva, e, em especial, a clínica vincular, por René Kaës (*Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*, Casa do Psicólogo, SP, 2005). Este autor desenvolveu este trabalho em bases psicanalíticas, tendo buscado em Freud (*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*) a noção de que o indivíduo precisa de um intermediário que o auxilie a se proteger das excitações excessivas que poderiam romper a barreira de proteção. “Esclareço agora que a família e o grupo são o lugar do emparelhamento do inconsciente

recalcado e do inconsciente não recalcado. O que não pôde ser recalcado por um sujeito e sofreu o destino da rejeição e da recusa pode metamorfosear-se em inconsciente recalcado, graças ao trabalho do sonho dos membros neuróticos do grupo e da família. Essa transformação supõe uma suspensão ou uma dissolução das alianças inconscientes e sobretudo dos pactos denegativos que garantem a manutenção no inconsciente das partes rejeitadas ou negadas, em benefício de cada um dos membros de uma configuração vincular.”

“... O sonho realiza no mais alto grau essa experiência de transitividade. Ao reavaliar a teoria do apoio e restituir-lhe seu alcance geral, expus outrora a noção de um apoio recíproco do apoiado (aqui, a função onírica do bebê) sobre o apoiante (a mãe, o grupo familiar e a atividade onírica deles), e propus a idéia de uma retomada transformadora, no transcurso do processo terapêutico, dos apoios inicialmente deficientes... o onirismo familiar permite a inscrição dos traços originários na psique do sujeito psicótico, em quem, até então, nada pudera inscrever-se”.(Kaës, R., A Polifonia do Sonho).

.....

Há um ponto em comum a todos os pacientes: neuróticos, psicóticos, perversos, todos viveram a experiência de um impasse, em maior ou menor grau, e para se defenderem criaram uma teoria que é, ao mesmo tempo, a sua prisão: do sintoma, até o delírio, passando pelo caráter e pelo fetiche, cada qual encontrou e passou a contar, muitas vezes sem perceber, automaticamente, a história do seu passado. É essa história cristalizada e imóvel que o processo psicanalítico vai sacudir.

Quando a mobilidade é reintroduzida na dimensão psíquica, o sujeito pode então se tornar autor de uma outra história. E é só ao se libertar, resignificando a sua própria história, que ele pode voltar a aceitar os “riscos de conflito e sofrimento” que estão implícitos em qualquer tentativa de investimento.

Nosso desafio como analistas é favorecer, para cada um dos pacientes e na medida das possibilidades de cada um, essa liberdade de encontrar novos significados para sua vida. Porque de outra forma “podemos curar nosso paciente e nada saber sobre o que lhe permite continuar vivendo. Para nós, é de suma importância reconhecer abertamente que a ausência de doença psiconeurótica pode ser saúde, mas não é vida. Os pacientes psicóticos que pairam permanentemente entre o viver e o não viver, forçam-nos a encarar esse problema que realmente é próprio, não dos psiconeuróticos, mas de todos os seres humanos”. (Winnicott, D. – O lugar da experiência cultural. Em O Brincar e a Realidade).

Eliana M. S. Lobo

elianalobo@alternex.com.br

Resumo:

A autora apresenta suas idéias com relação ao conceito de cura, desde os primeiros tempos da psicanálise freudiana, em que os pacientes eram psiconeuróticos, até a atualidade, em que há um grande número de casos-limite. Baseada na contribuição de vários autores, propõe como um critério de análise bem-sucedida o aumento da liberdade interna em função da possibilidade de resignificar a própria história.

Trabalho realizado para a 1ª Jornada dos Candidatos da Aperj-Rio4.

Denise Junqueira - Candidata da 2ª turma

Quem sou eu, quem é o outro?

Neste trabalho, através de um caso clínico, faço um breve estudo da teoria de Winnicott, a fim de compreendermos a dinâmica dos pacientes que se sentem limitados na sua própria identidade. É como se perguntassem: Quem sou eu, que é o outro?

O Caso Vagner:

Vagner tem 22 anos, veio através do CAC, sua frequência é de 3 sessões semanais e tendo iniciado em novembro de 2007.

Na entrevista inicial, disse que por ser estudante de psicologia, procurou nosso serviço ao sentir que nos seus atendimentos como estagiário, no SPA de sua faculdade, surgiam situações contra transferências que lhe deixavam angustiado. Quando pedi que exemplificasse tais momentos, respondeu que era desagradável tratar pessoas controladoras e numa determinada ocasião, percebeu que fazia o mesmo - controlava as relações. Com o tempo entendi que, na verdade, tentava através desse comportamento não ser invadido, atitude esta que é uma constante em sua relação com a figura materna.

Seus pais são separados há muitos anos e é o caçula de dois filhos homens. Vive com sua mãe e irmão, segundo ele, "de favor" na casa de sua avó paterna. Lá reside também uma tia solteira, que parece ter uma boa relação com os sobrinhos. Seu espaço restringe-se a um quarto, onde dorme com seu irmão e sua mãe. Não transita pela casa com liberdade, porque a mãe diz que não quer que "incomodem as pessoas da casa". Vagner se ressentido e atualmente procura enfrentar a situação - estando com mais frequência com a avó e a tia. O analisando repete o mesmo comportamento em sua vida social - tem muito medo de "incomodar" as pessoas.

Seu pai é contador e por não conseguir emprego em sua área, resolveu morar no estrangeiro, pois um amigo prometeu empregá-lo. Saiu do Brasil há 6 anos, quando Vagner tinha 16 anos de idade e nunca mais o viu. Comunicam-se esporadicamente por telefone. Sempre se refere a figura paterna como "fracassado", "fraco", "o que não conseguiu cumprir com suas obrigações de pai". Ao mesmo tempo, meu paciente teme ter um futuro parecido - não ser bem-sucedido na vida.

A relação com seu irmão sempre foi competitiva, sentindo-se desvalorizado por ser o caçula e também, porque ser visto como o "irmão do fulano" e não como uma pessoa com idéias próprias. Diz ainda que, para ser aceito e reconhecido pelos demais optou por escolhas bem diferentes do irmão. Por exemplo:

Enquanto o irmão gostava de pagode, Vagner passou a preferir rock.

A mãe é secretária e descreve-a como autoritária. Quando lembra do relacionamento entre seus pais, a visualiza dando "as ordens" e pai calado, quieto, sem ter voz ativa em casa. Lamenta nunca ter visto entre seus pais um contato afetivo. Conta que, quando pequeno, sua mãe o "usou", isto é, saía com outros namorados e levava Vagner como álibi e, ao voltar para casa, para não ter contato com seu marido, em vez de ir para o quarto do casal, refugiava-se no quarto do filho. Antes disso, sempre frisava que "o marido era uma pessoa insuportável", o que o paciente considera, atualmente, uma desculpa para ter relacionamentos extra-conjugais.

Vagner, ano passado, fez um movimento de sair de casa e alegou problemas financeiros. Ao decidir esse retorno ficou claro a necessidade de viver um pouco mais relação com sua mãe, pois era como se "esticasse demais o elástico, que acabava voltando e unindo mais". Seria um movimento de se desligar prematuro, por isso, ao voltar se fundia mais.

Embora, nunca tenha se deitado, fez um divã "particular": senta-se olhando para a parede e, nas primeiras sessões, senti que mantinha-se numa postura muito retraída: ombros caídos, olhar para baixo e ao mesmo tempo demonstrando um desejo de distanciamento da analista ao ficar na ponta do divã.

Atualmente, embora ainda faça esse divã próprio, já tem uma postura mais descontraída e senta-se mais próximo à analista. Algumas vezes, olha para mim, mas só quando fala de coisas mais amenas.

Alguns trechos das sessões de Vagner:

Sessão 1

V-Sábado observei uma coisa: Quando estou no quarto e minha mãe entra, fico intimidado. Fecho todas as janelas do micro, como se ela fosse ver o que estou escrevendo. E também, quando ela foi ao mercado e me pediu para ajudá-la nas compras, me dei conta que estava com raiva. Não falei nada, não tive vontade.

A-E você sabe por que essa raiva?

V-Não. Não me vem nada, só esse sentimento de me sentir intimidado.

A-Esse termo também me reporta à palavra "sem intimidade". Parece que você não consegue ter um relacionamento mais próximo com seus pais, mais estreito, à vontade.

V-É(riu). Lembro-me que quando pedi a minha mãe para me ajudar na análise, me surpreendi, porque na verdade, não sei quem é ela, não me sinto à vontade, como se estivesse sempre incomodando.

Eu sou assim, muito pirracento, mas tem aquela coisa de me não sentir entendido. Outro dia, eu estava com uma calça meio feia, meio hippie, digamos assim... E meu irmão, disse que eu estava um lixo, ele me ofendeu. Muitas vezes deixo de aceitar as opiniões deles, que poderiam até ser boas e faço ao contrário para não me confundir com eles.

A-Não vejo como uma pirraça, mas como um movimento de busca para se diferenciar deles. Seria procurar por sua autonomia. Garantir sua privacidade. Senão, você se perde e não sabe quem é você ou o outro. Considero legítima essa sua busca.

O paciente, nessa sessão, demonstra como se sente diante da mãe: tolhido, sem nenhuma possibilidade de ser e ao mesmo tempo, teme ser invadido por esta, assim "fecha as janelas do micro". Por outro lado, ao "fechar as janelas", seria como se tivesse que se defender do desejo materno de ter uma relação mais íntima entre eles. Tem raiva da mãe por ser intrusiva e não deixá-lo ter uma vida própria.

Essa raiva é geradora de culpa.

Quando fala da pirraça está se referindo a se opor para diferenciar-se, porque aceitar as sugestões dadas, seria fundir-se. Esse é o grande medo de Vagner: não poder ser em sua singularidade, ficar sem vida própria. Assim, defende-se de qualquer contato mais estreito com sua mãe e muitas vezes, faz o movimento de rejeitá-la. Ao rejeitar, sente-se culpado, o que lhe causa muito sofrimento.

Lendo a Dra. Rosa Albé, no artigo "Espaço Potencial - Autonomia ou Impasse" sobre Winnicott: "Tudo que venha de outrem se torna persecutório" (Winnicott). É persecutório, parece-me porque significa invasão do espaço criativo cuja preservação é condição para uma vida autônoma e pessoal, ou seja, é condição para a própria alteridade. Diante dessa invasão, as alternativas parecem ser a submissão (falso self) ou a rejeição, quando já se tem força para isso.

Sessão 2:

V-Eu me sinto meio sem ação nessas invasões e por conta disso acabo que não tomo iniciativa na vida. Eu me lembro de um dia que estava brincando com meus amigos e de repente mudou a brincadeira.

Como não me chamaram, fiquei parado e me deu um aperto, comecei a chorar. Tinha uns 8 anos, fui para minha casa e minha mãe perguntou o que houve, mas não quis dizer.

A-Você sabia por que estava chorando?

V-Não, só sei que não me chamaram, fiquei na minha. Eu faço muito isso.

A-É, você se paralisa. Como se fosse excluído da brincadeira. Como se não soubesse até onde pode ir. Só pode ir quando chamado, autorizado.

V-É, mas vou contar outra bizarrice: Meu irmão quando tinha 13 anos, entrou na puberdade, minha mãe o chamou para ver os pelos dele. Ele mostrou. Quando chegou a minha vez, ela pediu também. Eu disse não.

A-O que você sentiu?

V-Senti que eu não ia corresponder às expectativas dela, já que eu mais uma vez me sentia menor que meu irmão.

A- Invadiu a sua intimidade. É um direito seu não aceitar o pedido de sua mãe. Afinal, é sua privacidade, seu corpo.

V-E por causa disso, tenho dificuldades também com as meninas. Só vou perto quando elas me dão um sinal. Com a Nádia (paquera) ela me deu. Mas perdi tantas chances que acabei que a perdi. Acho que fui tão invadido, que tenho medo de invadir.

A-Parece que é assim: Você ficou sem saber o que é intimidade natural. Aí, você perde oportunidades de ter qualquer contato mais próximo como no caso da Nádia e a sua espontaneidade, Ao falar da invasão da mãe a sua sexualidade, vemos dois aspectos:

O primeiro, o sentimento de não ser capaz de fazer frente ao seu pai e irmão, ambos dotados de maior falo. E, também, ao ser invadido por sua mãe, não conseguir viver e dispor de sua sexualidade de forma livre e mantendo sua privacidade.

Mais uma vez nessa sessão, o analisando volta a falar como teme perder a sua identidade quando em contato com outras pessoas. Isso o paralisa e não deixa que crie um espaço seu, intima-se, retrai-se.

Logo, fica se sentindo culpado e inadequado diante das relações.

Lendo no mesmo texto anterior da Dra. Rosa Albe:

"Desesperançados, conscientes das dificuldades que tem nas relações, sentem-se culpados, mas permanecem oscilando entre buscar a relação e não permitir que ela aconteça. No

embaralhamento dos limites, nunca fica claro o que é a própria agressividade ou o que é invasão ou agressividade do outro”.

Sessão 3

Vagner falta à sessão anterior, o que é raro, e ao chegar, diz:

V-Faltei na 3a feira por um motivo bobo, mas ao mesmo tempo não houve jeito. O pintor está no meu quarto e colocou as camas encostadas no armário, assim eu não pude tirar nem minha roupa e nem a carteira. E nem o telefone tinha para lhe avisar. Mas o interessante que eu fiquei no outro dia sem saber se ligava ou não.

A-Parece que deixar a roupa no armário, sem poder sair seria um ato falho, Vagner. Porque, esses dois dias seguidos de atendimento traz resistências, por se sentir muito próximo a mim. E, por outro lado, quando diz que não sabia se ligava ou não, nem no dia seguinte, seria uma forma de não se ligar à mãe-analista. (Tem sessões, segunda, terça e sexta-feiras, e já havia mencionado como isso lhe deixava incomodado, porque as duas primeiras eram muito próximas)

V-(Riu) Pode ser sim.É.. mais isso também a ver com o medo de ser intrusivo.

A-Parece que seu medo maior é das pessoas serem inconvenientes, intrusivas com você. e aí você projeta que elas também o sentirão incomodando. Isso faz com que não se sinta à vontade nas relações. E ainda, ao não ligar para mim: parece que é para observar como eu reajo a sua falta.

V-Riu novamente. Sabe que outro dia estava pensando nisso? Já pensou você me ligar e me dar uma bronca porque eu faltei? Feito mãe quando o filho não chega na hora certa em casa? (silêncio) É engraçado!! Eu tento que você não interprete, não me diga as coisas. Eu mesmo vou buscando as interpretações, como se não quisesse que você falasse. Diferente do que acontece com os pacientes em geral, que querem que seu analista lhe diga alguma coisa. Como meus pacientes.

A-E por que você acha que acontece isso?

V-Não sei, mas dizer que é porque sou também da área é muito pouco!(riu)

A-Será que é por que interpretar seria como “se eu lesse seus pensamentos”, ou seja, seria intrusiva?

E tudo que você quer é que eu fique aqui quieta, vendo você associar, descobrir-se, crescer sozinho sem a ajuda da mãe- analista?

V-Interessante... pode ser... porque eu vou falando e buscando as respostas. (pensativo e surpreso com minhas palavras). Mas negócio de se sentir incomodado, faço também com meus amigos, porque me coloco disponível e depois afasto-me de supetão. Agressivamente. Acho que porque me incomoda me sentir ligado a eles. Assim é também com as meninas, mas é claro que se eu chego com tanta fúria, elas se assustam.

Meu paciente tenta que eu fique na imobilidade, que procure não interpretar e deixar que ele o faça, porque quer e tem o direito de viver o que lhe foi negado - criar autonomamente. Precisa

de um espaço que faça por si, sem a ajuda de terceiros. Vagner teme que a mãe- analista repita o que sua mãe fez no passado; não deixou ter uma vida livre, "só podendo brincar quando é chamado", enfim, quando autorizado pela mãe.

E a Dra Rosa Albe diz: "Qualquer situação que mobilize mais intensamente os sentimentos na relação analítica desperta um movimento de retraimento, seja através da faltas, seja de um recolhimento.

E continua em outro trecho: O analista deve ficar "excluído" da relação, para que o paciente possa experimentar o próprio viver autonomamente.

Conclusão:

A constante atitude de invasão da mãe nunca permitiu que o paciente se apropriasse de sua vida, porque a figura materna estava sempre narcisicamente presente e criando por ele, dificultando o processo de separação eu / não eu e, impossibilitando de viver a sua singularidade.

Entendo que meu paciente começou a viver seu primeiro momento de relação mais independente ao procurar a análise, embora ainda assim, por precisar do crivo da mãe, sentiu-se desconfortável, ao pedir ajuda no pagamento dos honorários. Para Vagner significou não poder viver uma nova relação de ajuda, sempre sentindo a interferência da mãe.

A preocupação de não se fundir no outro, reaparece nas relações sociais, quando se mostra disponível, mas sempre ameaçado pelo perigo de se ligar mais profundamente, precisando se certificar, quem sou eu, quem é outro. Assim, por medo de perder sua identidade, mostra-se confuso em relação aos limites: "sai de supetão", "afasta-se", "agride". Daí, sobrevém a culpa, por não se ver capaz de manter relações afetivas satisfatórias.

Winnicott nos fala da importância do ambiente suficientemente bom, que possibilita a existência do processo criativo, da continuidade do ser. Percebo que o mesmo ocorre na relação analítica, ou seja, a mãe- analista necessita criar um setting adequado no qual permita que Vagner viva uma relação, onde haja espaço para agir e criar subjetivamente. É importante que vivencie uma existência independente e que acredite na sua capacidade de estar só e ao mesmo tempo ter uma mãe- analista confiável e que não tema perdê-la.

E mais uma vez lembrando Winnicott: *"O espaço potencial entre mãe e bebê, entre criança e a família, entre o individuo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança.*

Pode ser visto como sagrado para o individuo, porque é aí que este experimenta o viver criativo.

Meus agradecimentos a minha supervisora Dra. Rosa Albé, que com seus conhecimentos teóricos do psicanalista Winnicott, me motivou a estudá-lo e assim pude compreender, na teoria, os movimentos de meu paciente.

Bibliografia:

Espaço Potencial: Autonomia ou Impasse - Dra. Rosa Albe - Suplemento Científico da APERJ / Rio 4 - setembro de 2007.

A localização da experiência cultural - Winnicott, O Brincar e a realidade.

A capacidade de estar só - Winnicott, o Ambiente e os processos de maturação.

A comunicação e a não-comunicação - Winnicott, O Ambiente e os processos de maturação.

URTICÁRIA COLINÉRGICA – BREVE RELATO DE UM PACIENTE SOMÁTICO

Stefano Rano Galvão

O caso que tratarei abaixo se resumirá a um relato, da forma mais simples possível, no sentido de tentarmos estabelecer um diálogo sobre um trecho da vida desta pessoa à qual darei o nome de Virgínia, neste curto período de tempo que a tratei, no ano de 2002, por aproximadamente cinco meses. Tentarei ao máximo evitar terminologias psicanalíticas, na esperança de que o texto fale por si.

A título de leve esclarecimento, entende-se atualmente por Urticária, o surgimento relativamente agudo de lesões avermelhadas (eritematosas), papulosas (em relevo elevado), numa área de pele circunscrita, que desaparece à pressão digital e que, caracteristicamente, se acompanha de prurido (coceira). A Urticária aparece de repente e pode desaparecer rapidamente em uma ou duas horas, podendo também durar até 24 horas. Frequentemente se apresenta em grupos de manchas e aparecem novas manchas enquanto outras desaparecem. Calcula-se que 20% da população tenham sofrido uma erupção de Urticária em alguma etapa de sua vida. Existem relatos de sobra na literatura médica da associação entre Urticária Crônica e fatores psicossomáticos, mas tal associação tem sido desprezada nos modelos de investigação causal clássicas. Apesar do descaso total desta dermatologia ultrapassada, pesquisas seríssimas (1) apontam que em quase todos os casos, existem conflitos emocionais na origem e na manutenção dos sintomas da Urticária Crônica. Hoje se pode afirmar que este distúrbio se classifica naqueles de natureza psicossomática.

Das variadas formas de urticária, o nome Urticária Colinérgica é destinado para a Urticária que se desenvolve depois de atividades que aumentam a temperatura corporal. Algumas das atividades que podem causar este tipo de manifestação incluem: banhos de imersão, duchas quentes, hidromassagem, exercícios mesmo que moderados, febre, tecidos quentes, prolongado contato da pele com algo que aqueça a mesma, ansiedade e tensão emocional. Calcula-se que 5% a 7% dos pacientes que sofrem de Urticária podem apresentar a Urticária Colinérgica (2).

Virgínia, uma mulher de 28 anos na época, advogada por formação, mãe de uma criança de cinco meses, chega até mim para ser atendida pela primeira vez. Ela, sua bolsa transparente repleta de caixas de remédios e a desconfiada mãe. E a vestimenta, um episódio a parte, onde vejo duas idosas sentadas, distinguíveis entre si apenas pela face e mãos. Estamos em 31 de maio de 2002.

O caso em si, aparentemente grave, e muito de sua vida, já era bem conhecido de antemão, visto que seu marido Pedro escreveu e encaminhou um mesmo email para quase todas as diretorias da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática, da qual eu era secretário e conselheiro científico na filial do Rio de Janeiro na época. Portanto não havia modo de ignorar este pedido de socorro para a esposa Virgínia. Recebi também do Núcleo de psicossomática da Universidade de Campinas o mesmo email, com resposta para Pedro, para possível encaminhamento. Tentando reproduzir os trechos relevantes, esta carta dizia basicamente o seguinte: “Minha esposa está sofrendo muito com alergias crônicas, já teve dois choques anafiláticos com edema de glote para os quais tomou injeção de cortisona, já foi a milhares de alergistas, hepatologistas e imunologistas e outros médicos que estudam o sangue, e quase todos disseram que ela vai ter isso a vida inteira e que ela pode ter mais choques como esse, pois tudo o que ela come o corpo lança histaminas [...] Ela dá tapas na cara dela mesma, tem medo de morrer e deixar nossa filha de quatro meses e meio, quebra coisas dentro de casa,

fala uma porção de bobagens e palavrões e tenho medo que ela mate nossa filha [...]. Ela tem apenas 28 anos e está muito perturbada e o que mais agrava isso são essas placas enormes de alergia. Chamaram isso de urticária colinérgica, pois ela não pode nem sentar numa poltrona que o sangue dela esquenta e ela começa a empolar toda, a aparecerem estas placas vermelhas. Andando também acontece isso, ela está dormindo em pé quase todo dia para não empolar o corpo e sentir queimar e coçar, e eu rezo para o efeito da cortisona não passar e começar tudo de novo. Estamos desesperados”. Abaixo disso seguiam seus telefones. Telefonei. Falei com Pedro e depois com Virgínia, que me retornou na mesma noite. Marcamos então a entrevista para dois dias depois.

Pois bem: com a mãe a contragosto na sala de espera, entramos para nossa primeira entrevista. Ela trazia na bolsa sua medicação completa, em caixas inteiras, receitados por seu psiquiatra e sua alergologista na época: Rivotril 2mg (3 vezes ao dia), Periatin 4 mg (3 vezes ao dia), Meticorten 5 mg (3 vezes ao dia), Prelone 5 mg (3 vezes ao dia), Remeron 30 mg (1 vez ao dia) e duas caixas de Diprospan Injetável para alguma emergência. Ela fica muda com sua bolsa no colo e seus ombros encolhidos e projetados para frente. Fez alguma reclamação sobre a distância da casa dela até o consultório, e os riscos do ar-condicionado do carro deixar de funcionar no trajeto até a zona sul, já que morava na zona norte. Ainda me lembro da primeira fala dirigida a ela: “Se você veio aqui com esta farmácia ambulante para que eu sinta pena como todos os outros tem sentido, nem precisamos iniciar nada”. Ela fica muda, parece que seu rosto se transforma e com um misto de raiva e choro me pergunta, aumentando cada vez mais a voz: “E por acaso você vai me dizer alguma coisa diferente dos médicos que eu fui? Eu vim aqui porque meu marido insistiu, mas será que vou ouvir de novo a mesma ladainha de ‘ter de me adaptar ao meu novo meio de vida’ porque não tenho cura? Até o chefe do setor de imunologia da universidade federal “x” disse isso! E eu quero me matar se ouvir isso de novo”. O tom era ameaçador e eu me limitei a responder duas coisas, muito seriamente, talvez com certa arrogância: “primeiro: eu não tenho absolutamente a mínima idéia do que lhe dizer, pois nem lhe conheci ainda. Talvez isso seja um avanço com relação ao que ouviu até agora, talvez não – interprete como quiser. Em segundo lugar, você pode ficar à vontade para se matar, contanto que não seja aqui. Não aceito ameaças, não trabalho assim, mas lhe garanto – não aposto para perder e não lhe aceitaria aqui se achasse o contrário. E também não sei adaptar ninguém, isso é tarefa sua”.

A relação começou tensa e assim o foi até o fim, mas queria deixar bem claro para ela que meu campo de trabalho não era o de tratar nenhuma doença, mas sim tratar o doente. Encontrar a história daquela pessoa e não um corpo sem história. Mas disso trataremos em outra oportunidade, onde histeria e psicossomática possuem cada uma seu campo próprio de discurso, um no corpo, outro na mente - um corpo biológico e outro simbólico, mas ambos, do seu modo, contando seu drama. Seja com lesão no caso somático, seja sem lesão no caso histórico; inevitavelmente, ali existe um sujeito que quer nascer, ou renascer.

Virgínia continuou vindo conforme combinado na entrevista, duas vezes por semana. Tornou-se de praxe cobertas antialérgicas e o ar-condicionado sempre ligado depois que placas surgiram nos primeiros 20 minutos do atendimento – tendo de sentar neste dia numa cadeira de madeira em couro que tenho ainda na mesa do escritório. Ficou bem claro que realmente ela tinha tais questões, evidenciadas por exames que trouxe posteriormente a meu pedido.

Não havia, contudo, mais bolsas transparentes com caixas coloridas nem mães na sala de espera já no terceiro encontro. Contava-me do amor que sentia pelo pai, falecido onze anos antes e a saudade que tinha dele, contava das fotos que tinha dele pelo quarto que dormia com o marido e sem se aperceber, saltava para recordações terríveis do quanto sempre apanhou dele e sempre foi humilhada das formas mais diversas. Freqüentemente lembrava-se do dia em que seu pai lhe arrastou escada abaixo até a rua, quando soube que ela estava se

envolvendo com um homem casado, chutou-a até a polícia chegar e, segundo ela, nada fazer “pois ele era muito rico” e a polícia nunca o incomodava – nem os vizinhos. Não era a primeira vez que era arrastada escada abaixo ou acima. Espancamentos e gritos diante de uma mãe omissa eram freqüentes, e diante de minhas reiteradas perguntas tais como “mas onde estava ela nestas horas? Ela não te ajudava?”, Virgínia simplesmente dizia, tranquilamente, como que anestesiada: “ele era muito forte, ela ia apanhar também – aliás, ela também apanhava”. Minha paciente, agora voltando os olhos um pouco para seu mundo em 2002, sentia quase que ódio de sua filha, ao mesmo tempo em que lamentava não poder sequer amamentar pelo excesso de medicamentos. Tinha pavor de dar-lhe banho porquê podia “afogar sem querer” a menina. Tinha medo de pegar no colo e “deixá-la cair” da janela, ou do segundo andar da casa. Neste sentido era um alívio vir até mim, onde o mundo dela, aquela casa, ficava bem longe. Maior que a raiva de ser mãe, que foi tomando uma forma declarada, era o ódio pelo marido Pedro. Este trabalhava fora do Rio de Janeiro, retornando quinzenalmente, e era cruel por abandoná-la doente como estava.

Ao mesmo, de forma inversa, chorava com isso tudo e pedia desculpas por ter aqueles pensamentos que ao mesmo tempo julgava absurdos. Interessante frisar que esta relação de amor e ódio se dava igualmente comigo, e o tanto de amor e de ódio que se transfiguravam numa mesma pessoa eram dignos de espanto.

Apesar disso e pouco a pouco, o abandono das medicações foi progredindo, chegando ao ponto de, mesmo sem um entendimento direto de minhas interpretações, como é o caso dos pacientes psicossomáticos, o tratamento ia funcionando. Um pouco de simbolização aqui, outro tanto de pensamento operatório/alexitimia e eu conseguia prosseguir. Não sabia muito bem como mas, afinal, quem realmente sabe?

Enfim, prática clínica tem mostrado que grande parte das manifestações somáticas pode ter como componentes básicos, uma forma primitiva de expressão e de defesa que é a culpa, tal como a utilização do corpo como meio de autopunição merece destaque por sua característica psicodinâmica. Essa situação representa uma reação e defesa ao estresse interior proporcionado por algum conflito interno. É assim que o sujeito se impõe o sofrimento.

No caso de Virgínia, porém, as fotos do pai no quarto de casal, a vestimenta tal qual a da mãe, a repulsa ao marido etc. me levavam a crer não só na palavra culpa, bem como algo muito próximo a luto patológico, não há como negar - mas principalmente, sua identificação com o agressor, para usar o termo criado por Anna Freud, e uma muito provável introjeção do objeto perdido, é o que me intrigava. Havia mais ali para dissolver.

De carrasco para herói, via a extrema necessidade de saber como se deu a morte deste pai, que, nos mais simples pedidos meus, ela pedia para não tocar no assunto e começava a empolar. Certo dia resolvi não usar colcha antialérgica alguma, sem o dizer. Virgínia tomava apenas Remeron nesta época e eventualmente Rivotril. Só veio a ter uma crise alérgica quando eu disse ao final da sessão, que nada de antialérgico foi colocado e que aquilo era lã comum. Obviamente não ficou muito feliz com aquilo, mas comemorou depois.

Um dia, algo pediu que eu fosse mais incisivo e enfático para que ela me contasse como morreu este pai. Ela disse, enfim, com estranha serenidade, misto de obnubilação: “eu estava na janela, ele olhou para trás para se despedir na rua e um caminhão o atropelou. Ele estava indo trabalhar”. Para minha surpresa, neste mesmo dia me deu o auto de exame cadavérico do IML autenticado em cartório, datado de 22 de julho de 1992, o qual fez questão de ler para mim antes de entregar-me. Deixei. Era-me aflitivo ouvir aquele laudo, mas absolutamente necessário para ela. Permanece até hoje comigo tal laudo.

Virgínia saiu bem do consultório, e de noite me liga chorando de alegria, dizendo que tinha conseguido dormir quase toda a noite sem precisar ficar de pé. Porém logo pela manhã liga novamente aos prantos; acordou toda empolada, queimando como nunca e que iria se matar.

Fui enfático com sua mãe ao dizer que tirasse junto com Virgínia todas as fotos do pai do quarto dela e que fosse me ver quando se acalmasse.

Neste dia sua mãe, que nunca falara antes comigo, nem nas duas primeiras visitas, resolveu pedir algo, enquanto a filha gritava de outro cômodo que estava queimando e que queria morrer. Disse a mãe: “Doutor, lhe imploro que nunca conte um segredo a minha filha: se ela falar que eu não deixava ela sentar onde o pai estava sentado, e que ele também não deixava até a poltrona esfriar, não diga, mas ele tinha um tipo de hanseníase muito raro, que só se pega quando o lugar ainda está quente. Ela não podia sentar e acho que um dia ela ouviu o pai falar isso”. Emudeci e fingi concordar.

Parecia que o último nó – o da razão da escolha do sintoma – estava desfeito. Pelo menos para mim, até que conseguisse trabalhar isso com ela. E consegui, felizmente. Terminamos nosso trabalho em Dezembro, quando ela somava quase dois meses sem sintomas e já amamentava a filha pela ausência de medicação.

Virgínia partiu sem adeus, sem obrigado e nunca mais deu notícias, embora estivesse “curada” e não, como me solicitaram e tratei de ignorar, “adaptada ao seu novo modo de vida”.

Seu caso foi um dos mais trabalhosos que registrei até hoje em minha clínica pessoal, mas sou cômico de que faz parte do árduo ofício do analista ter plena consciência de que sua principal função, se obtiver relativo sucesso em uma análise, é a de tornar-se absolutamente desnecessário a este mesmo paciente.

1-DINIZ MOREIRA (1983), citado por Mello Filho, J (Psicossomática Hoje. Ed. Artes Médicas)

2- BALLONE, GJ. Psicossomática e Dermatologia: Urticária, Vitiligo e Dermatite

SIGNIFICADOS DO PAGAMENTO NA PSICOTERAPIA

CASSIANA BAUERMANN GONZALES

Esta investigação teve como ponto de partida a experiência vivida a partir da prática de estágio de clínica na Fundação Universitária Mário Martins (F.U.M. M).

O objetivo desta investigação foi de verificar os significados que o pagamento isento tem na psicoterapia.

Para tanto foi feita uma análise documental. A verificação foi feita através das entrevistas dialogadas e registros levantados dos prontuários que possuem a história de cada paciente em tratamento psicoterápico. Tais documentos eram de pacientes (mulheres, com idade entre 25-45 anos, renda familiar baixa) que se submeteram ao atendimento psicoterápico isento de pagamento em uma clínica escola durante o período de dezembro de 2005 a dezembro de 2006. No que diz respeito à psicoterapia breve, a prática foi escolhida por ser esse o enfoque seguido pela clínica escola onde será feita tal pesquisa.

Esta pesquisa proporcionou a verificação de quais são as implicações do pagamento isento na psicoterapia e quais são os seus significados.

Pode-se verificar que cada paciente possui uma maneira de lidar com o pagamento do seu atendimento e que dependerá da sua história, dos seus conflitos internos, da sua maneira e capacidade de entender o seu papel dentro da psicoterapia.

As pacientes passam por uma triagem que tem como objetivo avaliar a paciente para psicoterapia breve com isenção do pagamento. É preciso que os pacientes encaminhados para este tipo de tratamento, possuam baixa renda salarial e capacidade de fazer uma aliança de trabalho e terapêutica, tendo facilidade para expressar os seus sentimentos e motivação para atendê-los.

Verificou-se durante as primeiras sessões que algumas pacientes não possuíam recursos financeiros reais para poder pagar um tratamento psicoterápico, mas demandavam recursos psíquicos e muita vontade de resolverem seu conflito atual.

Para que aconteça uma aliança de trabalho é feito em um primeiro momento o contrato entre terapeuta e paciente. Neste momento são esclarecidas e combinadas as regras do tratamento. Fazem parte dessas regras, o número de sessões, geralmente uma sessão por semana, com duração de quarenta e cinco minutos. As sessões são feitas sempre nos mesmos dias e hora. Caso o paciente não possa comparecer, fica combinado que o mesmo desmarcará a sessão um dia antes. O paciente tem direito de faltar, e não desmarcar, somente duas sessões. Caso ocorra mais de duas vezes o tratamento é interrompido. Os pontos de importância no início do tratamento são os acordos quanto ao tempo e ao dinheiro.

As contingências sócias econômicas da atualidade têm trazido um fator complicador na efetivação do contrato na cláusula que se refere à possibilidade de o terapeuta de ter um valor de preço único e por isso percebe-se que a própria instituição institui o pagamento como isento, a fim de que seja uma troca de valores, onde o paciente colabora com sua história e o "analista", o estagiário contribua com a sua formação, com a sua análise iniciante.

A partir dessa experiência de estágio percebemos que, em relação à isenção do pagamento pode acontecer uma desimplicação por parte do paciente, que impossibilita o contrato e conseqüentemente interfere na relação terapêutica.

Portanto esta pesquisa vai a busca de poder retratar a questão do pagamento na clínica escola.

A fundamentação teórica usada nessa pesquisa é a psicanálise, embora sua prática seja realizada com enfoque na psicoterapia breve. Os autores usados na parte psicanalítica são autores da psicanálise contemporânea e a psicanálise Freudiana.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para situar de quem estamos falando, cada paciente recebeu um nome fictício onde simboliza cada uma das pacientes em atendimento e participantes desta pesquisa, afim de manter a privacidade e integridade de cada participante.

As participantes receberam os seguintes nomes fictícios:

A Estrela, paciente de 39 anos, Lua de 33 anos, Sol de 45 anos, Eclipse de 23 anos e a Cometa de 35 anos. Ambas foram isentas do pagamento durante o atendimento e foram trabalhadas as questões deste aspecto inicialmente no processo terapêutico.

Pensei em representá-las por elementos da natureza e principalmente por elementos que brilham, que iluminam ou de alguma forma se destacam pelas suas características peculiares, pois pude perceber que representa muito bem tais pacientes, pelo tipo de pacientes, por serem mulheres batalhadoras, por não possuírem o dinheiro, não efetuarem o pagamento concreto, mas simbólico e naturalmente brilharem durante o processo psicoterápico.

Quanto a questão da psicoterapia Breve, evidenciou que a era a técnica mais indicada porque estimulava a instituição a atender, de maneira eficaz, um maior número de pessoas, pelo advento das terapias comportamentais, geralmente, de curta duração, pela maior validação dos tratamentos de curta duração pelas pesquisas, observação de um grande grupo de pessoas com limitação de tempo, dinheiro e dedicação que não se submetiam a tratamentos de longa duração. O programa de estágio se dava a partir da demanda de pessoas com características mencionadas anteriormente. Como, por exemplo, existia tanta procura e demanda para o atendimento isento de pagamento que existiam três listas de espera, para crianças, adolescentes e adultos.

Por se tratar de atendimento feito por estagiários que permaneciam em estágio por um período de um ano ficou instituído que seria utilizado um tratamento de psicoterapia breve a fim de deixar que o paciente permanecesse por vários estagiários e sim que ele pudesse iniciar e finalizar seu processo terapêutico com o mesmo estagiário.

Evidenciou durante as primeiras sessões que algumas pessoas não possuíam recursos financeiros reais para poder pagar um tratamento psicoterápico, mas demandavam muita vontade de resolverem seu conflito atual:

“Eu trabalho como doméstica numa casa de família e minha patroa que informou este lugar aqui, pois pelo que eu ganho não tenho como sustentar a família e bancar um tratamento psicológico, apesar de eu precisar muito de ajuda, pois lá em casa todos dizem que estou louca, então eu vim ver se to louca mesmo(...)” (Sol, 45 anos)

“Eu recebo uma ajuda do meu pai para estudar e estou trabalhando, mas o que ganho não dá para pagar o tratamento(...)” (Estrela, 29 anos)

“Nós não temos condições, pois só a pensão não dá para pagar o tratamento e fazer o resto das coisas (...)” (Lua, 33 anos)

Percebeu-se que todas as pacientes estabeleceram bem no início do processo psicoterápico um fácil relacionamento e aliança terapêutica, onde elas traziam sem medo de se expor seus medos e conflitos atuais.

Cordioli e colaboradores (1998), citam critérios que facilitam na seleção dos pacientes indicados para essa modalidade de tratamento, devendo conter cinco itens, que são: foco, motivação, insight e aliança terapêutica.

“Lá em casa todos dizem que sou louca, porque tenho chorado muito, ando bem irritada e parei de fazer o tratamento com o psiquiatra, eu sei que eu não posso parar, mas acabo esquecendo de Omar os remédios e fico mais irriatada, e eu acho que vindo aqui e conversando contigo vai ser melhor (...)” (Sol, 45 anos).

Em outro momento as pacientes colocam claramente a questão pela busca de tratamento isento e alega ter gostado de serem atendidas pó uma estagiária, demonstrando que o fato de estar em formação não impossibilita o atendimento.

“Sabe! Eu não tenho conseguido falar com o meu pai e sempre fui muito de guardar tudo para mim e não consigo me abrir com as minhas amigas e principalmente com a minha mãe., mas aqui parece diferente, sinto que você não irá me julgar ou me xingar talvez (...)” (Eclipse, 23 anos).

“Eu busco tratamento psicoterápico por que não tenho conseguido lidar com as crianças, tenho me sentido muito irritada e sozinha, parece que aqui é como se eu desabafasse e renovasse minhas energias (...)” (Lua, 33)

O mesmo autor, concordando com Kaplan (1997) afirma que o paciente ideal para a indicação de Psicoterapia Breve deve ser capaz de fazer rapidamente uma aliança de trabalho e terapêutica, tendo facilidade para expressar os seus sentimentos e motivação para entende-los.

Além disso, devem apresentar um bom nível de adaptação prévia, áreas da personalidade funcionantes e capacidade para se preparar para a alta.

“Eu só preciso conseguir passar o final de semana com a família e não deixar que a presença do meu pai me atinja, eu sei que um dia eu não vou estar aqui e terei que fazer isso sozinha (...)” (Cometa, 35 anos).

“Eu preciso ver que realmente não estou louca, pois na verdade eles querem que eu faça o que eles querem e nunca posso ser eu mesma, não agüento ser a empregada deles (...)” (Sol, 45)

Franz Alexander e Thomas French (apud Kaplan, 1997) descrevem a Psicoterapia Breve como uma modalidade terapêutica que deixa os pacientes à vontade, fazendo uso da transferência e interpretações mais flexíveis, tendo com o objetivo desenvolver uma “experiência emocional corretiva capaz de reparar os eventos traumáticos do passado e convencer o paciente de que novos modelos de pensar, sentir e se comportar são possíveis”.

Evidenciou que as pacientes no início apresentam capacidade de insight e conseguem entender, mesmo que inconsciente a interpretação e o movimento psicanalítico através da auto percepção e possibilidades de mudança psíquica.

“Eles estão estranhando por que eu chego em casa e não faço mais a janta e vou tomar meu banho e ver minha TV, imagina só! Eu jamais pensei que iria conseguir fazer isso (...) Nunca pensei que um dia eu poderia fazer terapia. (...)” (Estrela 39).

“Sem a possibilidade de poder realizar este tipo de tratamento eu nunca acreditaria que eu pudesse ficar boa, é lidar com estes problemas, por mais que tenha condições (...)” (Lua, 33).

O pagamento no contrato terapêutico

Evidenciou que durante os primeiros encontros algumas pacientes tiveram dificuldade de reconhecer os papéis ali dentro do setting e de internalizar as combinações feitas como a

questão do contrato. Percebeu que cada uma delas evitava falar das questões do pagamento, aonde a justificativa sempre vinha antes de qualquer coisa combinada.

“Eu procurei a F.U.M.M porque eu não tenho como pagar agora, eu trabalho, mas não tem como pagar um tratamento, aí fiquei sabendo daqui e resolvi procurar, acredito que no momento eu poderia ficar por aqui e você me ajudar, talvez dizendo o que preciso saber para mudar, ou mesmo me dando alguns conselhos (...)” (Estrela, 29).

“Eu já conhecia, sei que é de curto prazo e que não precisa pagar e por isso eu vim aqui, pois no momento está bem difícil qualquer tipo de pagamento extra, o que ganho não posso sustentar família e ainda fazer terapia, preciso muito da tua ajuda e que me digas se sou mesmo, louca (...)” (Sol, 45).

“Tenho tido muitos compromissos e agora não terei como pagar, mas depois quem sabe, hoje não tem como e seu tiver que pagar não poderei continuar (...)” (Cometa, 35).

O pagamento para Freud (1913) O dinheiro, esse papel que, nas relações em geral, está implicado nos termos de um intercâmbio, permite relacionar as coisas mais díspares entre si, por instituir entre elas um valor.

Pode-se observar que para elas o fato de serem atendidas por estagiários não significava total garantia de que seria “curadas”, “tratadas” ou resolveriam seus conflitos, mas o simples fato de serem ouvidas demonstrava uma grande satisfação, apesar da formação estar acontecendo para o estagiário elas sabiam que de alguma forma “o que fazer” e “como fazer” dos seus conflitos nós estagiários poderíamos ajudar, deixando parecer se fosse uma troca onde elas não pagam e nós não fornecemos a garantia do que estamos fazendo esteja correto.

“Eu sei que você são estudantes e por isso vocês atendem de graça, para mim não tem problema mesmo, eu imagino que tu saibas o que eu to dizendo, confio muito no que você irá me dizer (...)” (Sol,45).

“Eu imagino que você sabe o que está fazendo, porque está estudando para isso, acho também que é por isso que não é pago o atendimento, pois vocês estão aprendendo, né? É realmente eu não tenho como pagar agora (...)” (Eclipse,23).

“Talvez eu não resolva totalmente o meu problema, mas o fato de você poder me dizer se to louca já me alivia, você sabe melhor do que eu isso, você vai poder me dizer se to mesmo ou se os outros só me vêem assim, você está estudando para cuidar dos outros, talvez por isso que vocês não cobram, como se fosse uma troca, imagino (...)” (Cometa, 35).

Esse valor percebe-se como se dá na clínica, o que o dinheiro sustenta? O que se paga? Percebe-se que se pague um serviço? uma atenção? Um saber? um amor? uma amizade? um bem?, pois todas as pacientes conseguiram fazer uma aliança terapêutica e trazerem suas angústias internas afim de serem escutadas e de alguma forma, mesmo que a “cura” não fosse garantida pelo fato de estarmos em formação ajudaríamos contribuindo com a escuta e com a pouca experiência, e através da empatia, com poucas palavras e percepção de que elas expressavam este sentimento de serem acolhidas e amparadas.

“Eu sinto que só o fato de eu vir aqui, já tem mudado alguma coisinha lá em casa, me sinto mais aliviada (...)” (Lua, 33).

“É tão engraçado, pois percebo que eu estou um pouco mais calma, eu sei o que tenho que mudar, mas as vezes parece que esqueço, mas não tenho tido tanto medo em estar com ele e conversar, mas no fundo ainda existe raiva. Parece que já tá melhor (...)” (Eclipse, 23).

“Acho que não sou louca mesmo, vou fazer o que agente tem conversado, sabe que eu to me sentindo bem melhor vindo aqui, to mais calma, parece que você sabe o que to sentindo (...)” (Sol, 45).

Em relação a esta questão, remeto às referências na obra de Freud (1913), situando o pagamento como um ato que enquanto articulador do laço social, em o valor de responder, de maneira singular, por algumas trocas que estabelecem o espaço de uma análise.

As contingências sócias econômicas da atualidade têm trazido um fator complicador na efetivação do contrato na cláusula que se refere à possibilidade de o terapeuta ter um valor de preço único e por isso percebe-se que a própria instituição institui o pagamento como isento, afim de que seja uma troca de valores, onde o paciente colabora com sua história e o “analisante”, o estagiário contribua com a sua formação, com a sua análise iniciante.

No início do tratamento, foram estabelecidas questões relativas a modo de funcionamento e organização da terapia. Dessa forma, firmou-se o contrato enquanto conjunto de combinações em que o paciente e o terapeuta estão de acordo, conforme abaixo demonstrado:

Responsabilidade pelas sessões, ficou combinado que uma das responsabilidades delas era estar presente nas sessões, para não perderem o tratamento, evidenciando que para algumas cumpriram esta combinação e para outras não era vista tanto como uma responsabilidade delas.

“Eu tenho vindo bem certinho, nunca faltou e estou sempre no horário (...)” (Sol, 45).

“Semana passada não tive como vir, é final de mês e sempre acabo pegando outros trabalhos para fazer, aí é um dinheirinho a mais (...) nem pensei em trocar o dia, achei que não ia dá (...)” (Estrela, 29).

“Esta difícil vir nesta época, pois to cuidando da menina e ela exige bastante, mas acho que vou vir na próxima sessão, seu não vir podemos trocar para outro dia? (...)” (Cometa, 35 anos).

Freqüência e duração das sessões: foram estabelecidas claramente, de acordo com o modelo de psicoterapia indicada, e fixados os dias de semana em que deveriam ocorrer, mas mesmo assim algumas não compareciam ou até mesmo trocavam o dia do atendimento.

“Puxa! Ontem eu vim sem querer (...)” (Sol, 45).

“Eu estava pensando que era amanhã e não hoje, mas vim depois que eu liguei e confirmei (...)” (Eclipse, 23).

A questão das Faltas: ficou combinado que a responsabilidade pelas sessões perdidas era do paciente, que por esse motivo, não haveria um pagamento, mas se ocorressem duas faltas consecutivas haveria também do tratamento e isso parece que ficou claro para todas, pois sempre que iriam faltar percebe-se que algumas ligavam avisando e buscando um outro horário. Naturalmente em caso de necessidade de interrupção temporária, os critérios poderiam ser adaptados;

Percebeu-se que tais aspectos do contrato eram muito importantes porque, através deles, emergia o modo de funcionamento do paciente. Onde modificá-los poderiam ser entendidos à luz da transferência ou das resistências, ou mesmo à luz da realidade objetiva do paciente.

“Acabei esquecendo de avisar, mil desculpas, tenho que cuidar para não acontecer mais isso, sei que quem acaba perdendo sou eu mesma (...)” (Lua, 33).

“Eu tava na correria e acabei me atrasando, será que tu pode ficar até mais tarde comigo? (...)” (Cometa, 35),

“Acabei fazendo uma confusão, esqueci que tínhamos mudado o horário (...)” (Sol,45).

Ficando evidente que quando havia alguma mudança no contrato quanto a horários e dias algumas pacientes se desorganizavam, não vinham ou esqueciam de vir e avisar, como se esquecessem da troca feita a partir do estagiário.

Por se tratar de psicoterapia breve, combinava-se com o paciente que o tempo de duração do tratamento seria de um ano, apesar de todas concordarem no final de cada

processo algumas demonstraram o interesse na continuação com outra estagiária, somente uma delas continuou por motivos avaliados pela estagiária e supervisão de estágio.

“Eu sei que quando você sair eu também saio, mas não tem como continuar com outra estagiária? Eu não posso dar continuidade se eu não resolver meus problemas? (...)” (Sol,45).

“Será que em um ano eu vou ficar bem?(...)” (Lua,33).

Pontos importantes no início do tratamento, segundo Freud (1913) são os acordos quanto a tempo e dinheiro evidenciando que apesar de algumas estarem sem condições no momento de pagarem um tratamento por falta de uma organização de prioridades de consumo ou outro motivo que impossibilitavam o pagamento do seu tratamento existia algo inconsciente, onde não as pacientes não conseguiam ver a possibilidade de virem a pagar o tratamento posteriormente, onde então trataríamos ali a questão do pagamento.

“Parece fácil para você, mas eu realmente não tenho como pagar neste momento e se eu posso fazer de garça porque tenho que pagar? (...)” (Lua,33).

“No momento estou bem endividada e sustentando quase tudo não tem como eu pagar agora (...)” (Cometa, 35).

“Se tem de graça temos que usufruir mesmo, quase não tenho como vir de ônibus por as vezes não ter o dinheiro da passagem, mas tenho juntado para isso (...)” (Sol,45).

Herrera (2000), sobre as implicações do pagamento em um processo de análise remete, duas questões. A primeira diz respeito a situar o valor do dinheiro para além de uma certa banalidade, pela qual homogeneizamos e padronizamos as referências que definem os valores, fazendo uma equivalência, na qual o valor, ou a validade de uma análise se mede, se mede pelo prelo monetário que lhe é estipulado. Pode-se “pagar pra ver”. O pagamento não garante a análise, mas...”faz falta”. A segunda diz respeito às maneiras ou aos recursos disponíveis para podermos manejar o contrato de pagamento em uma análise, inseridos numa comunidade analítica e lidando, em que o pragmatismo é a “moeda corrente”.

Para Freud (1913), do lado do analisante, o pagamento deve representar esforço, pode-se dizer, um certo sacrifício, em suas palavras “o tratamento deve ser caro”, o que está, neste aspecto, desligado de qualquer consideração referida ao outro pólo da relação – ao terapeuta – na conotação, por exemplo, do quanto vale o seu tempo, a dedicação, a sua formação, etc.

Evidenciou que para muitas o simples fato de estarem presentes e dispostas a falarem da sua vida representava um certo esforço e pagamento de sua parte, um esforço psicológico e o pagamento representado pela presença e motivação de estarem abertas e disponíveis.

Percebeu-se que o fato de não possuírem condições reais para seguirem um tratamento pago, naquele momento era o que poderiam “pagar”, um pagamento representado pela empatia, pela motivação e pela disposição de serem analisadas e interpretadas.

“Tu sabe que isso que tu ta me dizendo é verdade mesmo, não tinha me dado conta do que acaba fazendo com ele, eu acabo fazendo uma força para entender, mas depois fico pensando e acabo entendendo (...)” (Sol, 45).

“Pensei muito no que conversamos na semana passada e vou mesmo é começar a fazer aquilo que tu me disse, eu não tinha percebido antes (...)” (Eclipse, 23).

O pagamento de uma análise, suas implicações e os discursos que se constituem a partir dele, configuram possibilidades do sujeito articular sua relação com os valores da cultura, em nome dos quais se estabelece a relação entre analista e o seu paciente, efetivada a partir de alguns acordos. Nesse contexto, poderíamos pensar o pagamento em termos de um valor “justo”, no sentido do que “faz justiça” se referindo ao que está inserido em uma ordem cultural de valores que não é arbitrário ou regido pelo narcisismo. “justo” também no sentido do exato, fazendo referência a um valor que expressa algo que mais do que a economia de mercado e que inclua a chamada “economia libidinal” que se padroniza no

discurso. Assim o pagamento só poderia ser estipulado no seu “justo” valor a partir de uma articulação com o sintoma, na medida em que é pelo reconhecimento da implicação subjetiva, frente ao seu sintoma, que um paciente se dispõe a dar um valor ao trabalho de análise (Herrera, 2000).

Percebe-se que estas pacientes ao procurarem este local e o tipo de atendimento já se colocaram num lugar de menos valia, onde ao atendimento em instituições de ensino ou a isenção do pagamento fosse de menor valor que num consultório, em uma clínica ou até mesmo num hospital, onde profissionais formados e especializados na sua área não pudessem atender pessoas sem condições financeiras para seguirem um atendimento. O que não é bem a verdade, pois muitas das instituições e profissionais cabaritados atendem voluntariamente pessoas de baixa renda.

“Por isso que eu vim aqui, eu sei que não vou poder ser atendida por uma psicóloga formada pelo preço dela (...)” (Cometa, 35).

“Hoje é assim quem não pode pagar tem que ir para o SUS ou morre doente, pois não recebe tratamento, por isso que é bom este tipo de atendimento, acaba sendo uma troca (...)” (Eclipse, 23).

A questão da Transferência

A partir dos atendimentos e durante a análise dos conteúdos percebe-se que a transferência é uma questão a ser discutida nesta pesquisa, pois pelo fato de as pacientes buscarem um atendimento isento de pagamento, por mais que seja real e concreta a impossibilidade de pagar o tratamento, demonstram buscar um cuidado que não tiveram durante a sua infância ou até mesmo uma atenção ou um olhar que nunca receberam ou nunca perceberam existir no seu núcleo familiar. Pela história de cada participante percebe-se que a questão do pagamento está interligada não somente pela falta de dinheiro, mas pela falta de valorização delas mesmas, pela falta de auto estima, por não buscarem um lugar melhor ou por aceitarem o que colocaram para elas, numa posição passiva.

Hoje quando buscam um atendimento psicoterápico deixam que suas idéias reprimidas e conflitos internos sejam projetados no analisante. Percebe-se que de alguma maneira elas revivem o passado dentro do setting terapêutico diante do analista.

“Nunca ninguém me deu a atenção que recebo aqui, confesso que as vezes você me deixa com raiva, mas sei que é para o meu bem (...)” (Eclipse, 23).

“Acho que você tem que me atender, pois no momento não tenho como pagar, pelo menos até eu poder (...)” (Cometa,35)

Zimerman (2004) indica uma idéia de deslocamento, de transporte, de substituição de um lugar para o outro, ou de uma pessoa (viva, ou morta) por outra, sem que isso afete a integridade das pessoas em jogo.

Em alguns momentos pode-se perceber a existência da transferência materno e paterna, onde as pacientes acabavam relacionando o meu papel com o do seu pai ou mãe.

“Eu era muito amiga da minha mãe, mas não tive um bom relacionamento com o meu pai, eu sempre contei tudo pra minha mãe, assim como eu to contato par ti, mas pro meu pai nunca contava nada (...)” (Lua, 33)

“Ontem eu tava pensando no que você me falou, que acabo fazendo o mesmo aqui contigo, não sei por que acabo fazendo isso, não quer que sintam pena de mim, muito menos ser a vítima, nunca passou isso pela minha cabeça (...)” (Sol,45)

“Acho que a minha mãe também não coloca limites, mas não vim buscar limite como você fala, acho que esqueci só isso e realmente agora não tem como eu pagar (...)” (Estrela, 29)

Zimerman (2004) fala que Existem muitas modalidades de transferência paterna ou materna, positiva ou negativa, erótica ou erotizada, narcisista, perversa ou psicótica, etc.

Diante da questão do pagamento as pacientes utilizavam de uma posição de “coitadas” para sensibilizar e agradar a estagiária, colocando a responsabilidade e o dever de serem atendidas já que não havia a formação de psicóloga e elas se colocavam numa situação de que precisariam receber cuidados.

M. Klein (apud Zimerman, 1052), entendia que a transferência se dava a partir da reprodução, na figura do analista, dos objetos e relações objetivas primitivas internalizadas do psiquismo do paciente, bem como as fantasias inconscientes, pulsões e ansiedades.

“Minha mãe sempre esteve fora, eu não tive infância, brinquedos, coisas de criança, às vezes sinto raiva da minha mãe, mas sei que ela não tem culpa, ela precisava trabalhar e por isso a minha infância foi bastante privada (...)” (Sol,45)

“Eu só tenho que te agradecer, nunca pensei que eu poderia ser ouvida e que alguém me desse ajuda, acho que acabo fazendo a mesma coisa que eu faço com os outros, sei que as vezes eu exagero, é uma carência que sinto, sinto uma falta de carinho, falta de ter alguém para dividir as coisas, e aqui eu consigo isso (...)” (Eclipse,23).

Ocorreram alguns casos que pude perceber a transferência que Winnicott fala, pois as pacientes quando buscavam a troca de horários e não eram atendidas elas a pesar de avisarem elas faltavam o atendimento.

“Semana passada eu não vim porque aquele horário eu tinha compromisso, acabei me atrapalhando e marcando outra coisa em cima do atendimento (...)” (Cometa, 35).

“Eu pensei bem no que conversamos e resolvi que se eu tiver que pagar agora dáí eu vou parar, pois realmente não tenho como pagar este dinheiro gasto vai fazer falta para outras coisas que talvez sejam mais importantes agora (...)” (Estrela, 29).

Winnicott (apud. ZIMERMAN, 2004), a transferência é mais do que uma repetição de impulsos e defesas, não existindo desejos e sim necessidades que quando não satisfeitas pelo analista, geram neste mesmo paciente mais do que ódio uma decepção pelo novo ambiente que nos primeiros anos de vida foi interrompido o crescimento do self e prejudicou a capacidade de desejar.

Winnicott (apud ZIMERMAN, 2004) afirma que a incapacidade materna ou do analista pode provocar ameaças de aniquilamento do self , devido ao profundo estado de desamparo que essa privação provoca.

Percebe-se que algumas pacientes distorcem as combinações ou tentam burlar as regras do tratamento, como por exemplo, a questão de falarmos sobre a possibilidade do término do atendimento.

“Eu vejo que melhorei muito durante este tempo, mas na me sinto segura para ir embora e não dar continuidade aqui, não me sinto capaz de continuar em outro lugar com outra pessoa e resolvi ver contigo se eu posso continuar vindo, acho que tu pode fazer alguma coisa para isso, sei lá ver alguma colega tua para continuar meu atendimento, não vejo problemas nisso, já que não posso pagar e preciso de tratamento (...)” (Eclipse, 23).

“Será que tu não pode continuar me tratando fora daqui? Em outro estágio? (...)” (Cometa, 35).

Zimerman (2004) afirma que o termo “perverso” deve ser entendido com um “desvio de anormalidade”, porém não deve ser tomado como sinônimo de uma “perversão”, clinicamente configurada como tal. Assim ele explica que é comum que os pacientes em geral de alguma forma tendem “perverter” as combinações que eles aceitaram em relação ao Setting analítico, procurando modificar as regras do jogo, traduzidas na forma de pagamento, na obtenção de privilégios, em alguma forma de provocação para tirar o analista de seu lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que o pagamento fosse importante na questão do tratamento psicoterápico e vimos que de alguma forma ele deva existir no sentido de representar algo em troca, não

necessariamente a “moeda”, o “dinheiro”, mas sim as limitações, as regras do contrato, as regras do atendimento, devem estar bem clara para ambas as partes o papel de cada um diante do atendimento e pontuarmos que o pagamento deva existir posteriormente.

Vimos que qualquer valor por menor que seja ele, deva existir, no sentido de simbolizar esta troca, no sentido de representar o esforço que o paciente faz e o recebimento de algo pelo estagiário. Apesar de o estagiário estar em formação, o que talvez possa influenciar nesta questão do pagamento e vimos que sim, pois o paciente acaba sentindo que tal pagamento não existe ou é de valor pequeno, pelo material recebi do estagiário, pela falta de garantia da “cura” que ele fantasia receber.

Percebeuse que na atualidade toda pessoa que estiver suficientemente motivada para fazer um tratamento de base psicanalítica, com o propósito de atingir verdadeiras mudanças da estrutura do seu psiquismo interior encontra uma relativa facilidade. Isso se deve ao fato de grandes Institutos de Psicanálise manterem serviços de encaminhamento de pessoas interessadas em fazer análise, para os candidatos que estão em plena formação de psicanalista e membros de suas respectivas Sociedades Psicanalíticas, cujo atendimento é realizado em bases econômicas bastante flexíveis e acessíveis como aqui no estágio na F.U.M.M.

Percebe-se que o público que é encaminhado e que procura por este tipo de atendimento em geral são pessoas bastante carentes, ou que foram restritas de cuidados maternos, pessoas que sofreram grandes dificuldades na infância e que hoje procuram de alguma forma resolver.

Percebe-se que o tipo de atendimento de Psicoterapia Breve talvez não seja o mais eficaz, mas é o de melhor indicação para este tipo de atendimentos, não é a toa que a psicoterapia breve surge com a demanda de pessoas necessitando de tratamento psicológico, com dificuldades financeiras, apresentando foco no processo, onde é possível trabalhar as questões atuais em um curto espaço de tempo.

As dificuldades encontradas são bem as relacionadas ao pagamento isento, pois o que parece possível para o analista de ser investido no tratamento não é possível para o paciente. Percebe-se que o dinheiro está longe de ser utilizado como garantia de um tratamento eficaz, sentimos que faz uma certa falta, mas a falta de algo simbólico. As pessoas que de alguma maneira poderiam pagar o tratamento foram tratadas com foco nesta possibilidade, buscando a aceitação de um investimento maior, não que eles não estivessem aproveitando o tratamento e nem que o estagiário não estivesse possibilitando alguma melhora, mas no sentido de uma maior valorização.

Percebemos a transferência como fenômeno importante nesta questão do pagamento, onde o paciente alega a falta de pagamento, pois nunca investiram nelas, onde buscam um cuidado maior, algo dado, um carinho, um amor maior, pois concretamente elas não contribuem e recebem a atenção do estagiário.

Percebe-se que o fato de o estagiário estar em formação deixa um parecer um certo conforto por parte do paciente, por sentir que um depende do outro e que as vezes ele deve receber ainda mais, por estar contribuindo para a formação de alguém.

Esta pesquisa possibilita uma maior investigação em na questão da frustração, onde pagar seria uma possibilidade de sair do principio do prazer e entrar na realizada, claro que através de uma frustração de algo que faz crescer e se dar conta do mundo real e sair da fantasia.

Possibilitou ver os limites da psicoterapia breve assim como as possibilidades, evidenciou como o pagamento influencia nesta questão do tratamento onde “o pagar” faz uma certa falta.

REFERÊNCIAS

- CORDIOLI, A. V. (ORG) Psicoterapias: abordagens atuais. Porto alegre: Artes Médicas,1998.
- HERRERA, C. O pagamento na clínica psicanalítica: Coreio da APPOA. Nº 80. Porto Alegre. Jun.2000.p.65-68.
- KAPLAN, Harold et al. Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. 7ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LEMGRUBER, V. B Psicoterapia breve integrada. Porto alegre: Artes médicas, 1997.
- VIOLANTE, M. L. Vieira e FILHO, R. A. Pacheco et al. Pesquisa em Psicanálise in: Ciência, Pesquisa. Representação e Realidade em Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- VÍCTORA, C. G. Pesquisa em saúde: uma introdução ao tema. Porto alegre: Tomo Editorial,2000.
- FREUD, S. Sobre o Início do Tratamento in: edição standard brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1960.
- PLAZA, M. O documento, o registro, a interpretação e a verdade de dados. In: AZEVEDO .D.R. et al (org). Psicologia e Interdisciplinariedade: uma experiência na EAD. Porto Alegre: EDIPUCRS,2004.
- ZIMERMAN, David . E. Manual de Técnica Psicanalítica: uma re-visão. Porto Alegre:Artmed, 2004.

Objetivo, Função e Participação do Comitê da IPA (IPACUN) na ONU – Out.2006 – e no Congresso de Berlim – Jul.2007.

Trabalho apresentado na primeira Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro no Ano 2008.

Miguel Sayad

“No sera el paso decisivo para un artista el estar con frecuencia desorientado ? “

“No será el arte consecuencia de uma necessidade, hermosa y difícil, que nos conduce a tratar de hacer lo que no sabemos hacer ? “

(Eduardo Chillida)

Não poderia onde está artista e arte estar psicanalista e psicanálise ?

Agradeço o convite, a oportunidade criada pela SBPRJ, pela sua diretora científica Dra. Maria da Conceição Davidovich, para que eu possa, correspondendo ao meu mandato como membro do IPACUN, divulgá-lo e atrair contribuições e envolvimento de psicanalistas do Rio de Janeiro.

Agradeço ao apoio e incentivo da Chair do IPACUN, Dra. Afaf Mahfouz.

Agradeço as informações enviadas pelo Secretário do IPACUN e vice chair da ONG Comitê de Saúde Mental, Isaac Tylim.

Agradeço a disponibilidade e eficiência do presidente da IPA, Dr. Cláudio Eizirik em enviar-me uma cópia do vídeo do encontro na ONU, em tempo recorde, já quando conformara-me em não exibi-lo.

O objetivo deste encontro é divulgar e expor o funcionamento do IPACUN, o que é tarefa bastante complexa, pois envolve ter conhecimento dos mecanismos de funcionamento e tomadas de decisão da ONU, o que só pouco a pouco e com envolvimento nos trabalhos será possível.

Entretanto, espero que ao final desta reunião possam ter uma idéia melhor do que é o Comitê e como podem envolver-se, caso tenham interesse na Psicanálise aplicada às tragédias humanas e debates políticos de nosso tempo.

Este Comitê atua, ao nível da ONU, nas áreas de prevenção e resolução de conflitos, nos efeitos do preconceito racial, religioso e étnico, da violência e do abuso de crianças,

procurando que a Psicanálise tenha sua voz ouvida em plenário internacional e interfira com seu conhecimento especializado da natureza humana.

Otto Kernberg, em cujo mandato de presidente da IPA foi criado o IPACUN, sustenta que a psicanálise tem uma efetiva contribuição para oferecer à ONU.

Resumidamente são as seguintes as tarefas do CUN:

- 1 - Tornar a Psicanálise visível e ouvida na ONU
- 2 - Interagir com ONG's que trabalham com a ONU, particularmente com aquelas de interesse potencial para a psicanálise.
- 3 - Abordar psicanaliticamente questões internacionais visando a desenvolver metodologia vinculando o desenvolvimento individual ao desenvolvimento sócio-econômico na comunidade internacional.
- 4 - Envolver a psicanálise, na sua teorização e prática, com a prevenção e resolução de conflitos associados ao preconceito, à violência e ao abuso de crianças, enfim na busca do bem estar internacional.
- 5 – Promover contribuições que os psicanalistas possam fazer nestas áreas.

Atualmente o Comitê é formado por 28 membros, sendo 5 Consultores Seniores. 18 são norte americanos e 5 sul americanos.

As reuniões do Comitê são mensais ou bi mensais no consultório de um dos membros residentes em NY e durante os Congressos da Associação Americana de Psicanálise e os Congressos Internacionais da IPA.

Minutas dos encontros são enviadas via internet a todos os membros, que podem manifestar-se por email tendo em vista as próximas reuniões do Comitê, ou qualquer assunto a respeito do qual queiram se manifestar.

O IPACUN foi criado no Congresso de Barcelona em 1997, sob a presidência de Otto Kernberg, ainda hoje membro sênior relevante e atuante, e teve desde sua concepção Dra. Afaf Mahfouz como sua incansável e dedicada diretora ("chair").

IPACUN mantém relações com os Comitês de Saúde Mental, a Comissão de Direitos Humanos, UNICEF, a Comissão do Status das Mulheres e a Organização Mundial de Saúde e trabalha diretamente com o Conselho Econômico e Social (ECOSOC) e com o Departamento de Informação Pública (DPI) da ONU.

E em 1998 o IPACUN obteve o estatuto consultivo (consultative status) junto ao ECOSOC, Conselho Econômico e Social, o que lhe permite colocar itens na agenda de negociações para participação em eventos locais e internacionais.

O CUN seleciona delegados para participarem em vários encontros sob a organização da ONU.

As intervenções dos psicanalistas delegados ocorrem na sede da ONU ou em fóruns internacionais.

Na sede da ONU psicanalistas podem ser membros ativos dos Comitês de Saúde Mental, Direitos Humanos, Estatuto da Mulher, Crianças em Conflitos Armados, Desarmamento, etc ...

Em fóruns internacionais delegados do CUN estiveram presentes, por exemplo, na Conferência Internacional de ONG's em Seul, 1999; na Assembléia Geral do Congresso das ONG's (CONGO) em Viena, 2000 e na Conferência Mundial Contra o Racismo(WCAR), Durban, África do Sul, 2001 e na Segunda Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, em Madri.

Algumas considerações sobre a Psicanálise aplicada à violência social.

Não tenho dúvidas que este movimento universalista da psicanálise, nesta era de globalização, é irreversível.

Nossas Sociedades Psicanalíticas devem estar preparadas para expandirem suas ações e estudos visando à interferência, através de sua voz e competência, nos grandes dramas sociais de nosso tempo, verdadeiros distúrbios da psiquê social.

Em 2005, na sua comunicação sobre barbárie e civilização, Ney Marinho indagou sobre “os motivos obscuros” que levaram a psicanálise afastar-se dos estudos dos grupos humanos “num estranho insulamento na psicologia individual” (Marinho, 2005,39).

Seria bastante enriquecedor se dispuséssemos, entre nós a levantarmos hipóteses a respeito desses supostos motivos obscuros.

Freud, desde 1912, com Totem e Tabu ou mesmo antes, demonstra a analogia dos fundamentos da cultura e civilização com os mecanismos neuróticos do indivíduo.

A partir de 1923, aos 67 anos, após sentir-se à beira da morte e ser salvo graças à dolorosa cirurgia, experimentou uma significativa mudança em seus interesses ligados à psicanálise, mudança que ele designou como um “desenvolvimento regressivo” pois, “após um longo détour pela ciências naturais, medicina e psicoterapia, retornou aos problemas culturais que fascinaram-no muito antes”. (Freud,1935. SE XX,1975,72).

É interessante observarmos como coincide com um período de experiência da proximidade da morte, de violência social, preconceito e terror a dedicação de Freud aos estudos sociais.

Graça a seu “desenvolvimento regressivo”, os seus estudos sobre a civilização foram retomados: “O Futuro de Uma Ilusão”,1927 , “A Civilização e seus Descontentes”,1930 e “Moisés e o Monoteísmo” escrito a partir de 1934, (cujos dois primeiros ensaios foram publicados em 1937, mas o terceiro e mais importante apenas em 1938, depois de Freud estabelecer-se em Londres, devido ao medo da reação do governo austríaco e da Igreja às suas idéias).

Em 1930 o nazismo já era de grande influência na Alemanha e com muitas afinidades na Áustria. Em Janeiro de 1933 Hitler foi designado chanceler da Alemanha. Em Maio começou a queima de livros em praças públicas; os de Freud acompanharam os de Einstein, Heine, Marx, Kafka e Thomas Mann entre outros.

O terror contra a palavra crítica divulgada é um testemunho eloqüente de seu poder de transformação das sociedades e do risco que constituem para a estabilidade de governos estabelecidos na falsidade e negação da história.

A vinculação na psicanálise entre o individual e o cultural é evidente.

“Eu percebi ainda mais claramente que os acontecimentos da história humana, as interações entre a natureza humana, o desenvolvimento cultural e os precipitados das primeiras experiências (dos quais a religião é o mais proeminente exemplo) não são mais que um reflexo dos conflitos dinâmicos entre o ego, o id e o super-ego ... “ Freud,1935.SEXX,1975,72.

“O contraste entre psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que a uma primeira impressão parece muito significativa perde grande parte de sua significação quando é submetida a um exame mais íntimo... Na vida mental do indivíduo alguém está sempre envolvido, seja como modelo, objeto, auxiliar ou adversário; e assim a psicologia individual é desde o início psicologia social, num sentido amplo, porém plenamente justificado.” Freud,1922.SEXVIII,1975, 69.

Na nossa trajetória como psicanalistas está posto não em mito, mas em fato e ato, não distante que não possamos ver ou sermos atingidos, a violência social extremada de grupos religiosos, de excluídos e de nações organizadas.

O genocídio e o terror de Estado e o individual são presenças constante no horizonte do homem contemporâneo.

Em nossa época se reacendeu com atratividade renovada o prazer de matar. “Afastar a Psicanálise deste necessário e amplo debate seria defender um ingênuo isolamento e adiar uma responsabilidade que nos parece inevitável”. (Marinho,2005)

Aproveitemos esta trágica conjunção que nos contamina e atinge para uma ação reflexiva e prática, agindo com nossa palavra sobre estas questões sociais que naturalmente atemorizam-nos.

Agindo com palavras, aí está a grande reflexão freudiana que nos inspira. O cerne da teoria do recalque é a dissociação da idéia e seu afeto criando falsas conexões aceitáveis socialmente. Desfazer tal dissociação tornando livre a palavra e inaugurando um novo modo de ser e agir é o legado de Freud.

“O futuro provavelmente atribuirá muito mais importância à Psicanálise como ciência do inconsciente do que como procedimento terapêutico”. (Freud,1926.SEXX,265).

Nós, hoje já no futuro, devemos apoiar e contribuir com o significativo e promissor resgate desta dimensão da psicanálise manifesta nas ações pragmáticas da IPA e divulgadas no discurso de seu presidente.

Refiro-me ao reconhecimento de que as relações humanas manifestas na Bíblia, na Torah e no Alcorão, na opressão às mulheres, na exclusão social, no preconceito racial e religioso, no genocídio e no terrorismo são do interesse da psicanálise. (Eizirik,2005)

Refiro-me também ao apoio à criação de comitês e grupos de estudos sobre vários destes temas e especialmente, a presença da IPA na ONU.

Estas são iniciativas da maior relevância não só para o ideal freudiano, mas para a própria expansão da Psicanálise no mundo da política e cultura.

“A psicanálise, desde seu início e em mais de um século, nunca deixou de ser uma disciplina essencialmente subversiva, no sentido de denunciar o aparente que se pretende o real, o fantasioso que quer falar pelo conjunto dos fatos, a hipocrisia que pretende ocupar o espaço da dolorosa mas necessária verdade , tanto no exame de uma pessoa como no da cultura em que nos inserimos. (”Eizirik,2005.)

Aos 75 anos Freud escreveu que “Muito profundamente enterrado, sobrevive ainda em mim o menino de Freiberg, filho primogênito de uma jovem mãe, que neste ar e neste solo recebeu as primeiras e inextirpáveis impressões” .

(Carta de Freud ao prefeito de Freiberg., Citado p/ Mezan, 1985, 533-4.)

Em todos nós, em qualquer idade, existe latente a possibilidade do início: a curiosidade, o desejo de saber e de ver melhor, mas nas grandes idades a dimensão de contribuir com as novas gerações e de reparação pelos desatinos de nossos contemporâneos deve tomar a linha de frente.

Como disse Henri Parens, um dos editores, junto com outros membro do CUN, de um importante livro recém publicado - “O Futuro do Preconceito” -, em intervenção no Congresso de Berlim: a mais importante tarefa de um psicanalista é transmitir às próximas gerações aquilo que apreendemos por meio da Psicanálise.

Neste sentido, é exemplar o testemunho em plenário de Florence Ross, 87 anos durante as Conferências na ONU, organizadas pelo IPACUN denominadas: “Abordagens para a Prevenção da Transmissão do Ódio, Guerra e Violência”.

Ela chama seus colegas seniores de guardiãs da sabedoria e os conclama a saírem do divã e tornarem-se ativos elos na transmissão do diálogo de paz, tolerância e compreensão que adquiriram em suas vidas psicanalíticas. “Indivíduos idosos podem ter um impacto relevante na situação estabilizada de violência”.

No limiar da civilização, o sentido predominante deixou de ser o olfato e passou a ser a visão. A visão permite ao homem a imaginar e amplia radicalmente a percepção. O risco ou ameaça de ver, conhecer, começa quando somos crianças. A ameaça vem dos preconceitos de nossos pais ou do que podemos descobrir de errado neles.

Ver com os próprios olhos é uma grande ameaça para as sociedades estabelecidas na mentira e na falsidade. Para os que ousam ver, os curiosos, os que querem saber, o risco é falarem, darem a conhecer o que viram.

São justamente os pensamentos proibidos a razão da Psicanálise e da resistência a ela.

Ainda assim, por maior que seja a resistência, eu acredito como muitos outros que temos uma contribuição específica a dar para a compreensão da violência e intolerância entre as nações.

A FEBRAPSI deveria, tal como uma vocação a ser despertada, se envolver nesta ação internacional que de São Paulo, passando por Nova Iorque e chegando a Berlin é visível e cada vez mais forte na Psicanálise.

Em Nova Iorque a IPA está presente na ONU, onde já começa ser sentida certa familiaridade com a linguagem psicanalítica.

Em Berlin os temas oficiais do Congresso internacional foram: Recordar, Repetir e Elaborar na Clínica e na Cultura e A História da Psicanálise em Relação com Berlin”.

Em Agosto 2005, no Simpósio realizado na SBPSP, os membros do Comitê da IPA para Estudo sobre o Terror e a Violência Política, entre eles o editor da RBP, Leopoldo Nosek, apresentaram seus relatos. A preocupação dominante foi, preferencialmente, a como intervir após o trauma extremado.

Por que a Guerra? A pergunta é ingênua e ociosa se servir apenas para a busca de compreensão, consenso em sua condenação e discussões repetitivas, consensuais e intermináveis. A contribuição que a Psicanálise pode dar vai além. A Psicanálise pode intervir

publicamente em casos concretos, que estão ocorrendo ou sendo gestados como o ovo da serpente.

A questão que condensa a maior contribuição que a Psicanálise poderia dar à humanidade é: O que podemos fazer para, de alguma forma, alterar as condições nacionais e internacionais que contribuem, ou mesmo determinam, embora ao mesmo tempo anunciem, o próximo trauma extremado? Este é um campo de ação que se abre para a participação da psicanálise no esforço atual entre as nações em busca da paz e justiça em um mundo em guerras.

No Simpósio da SBPSP, tanto Dr. Varvin, membro norueguês do Comitê, como Dr. Bohleber da Alemanha, e que veio a ser o presidente do Congresso de Berlim, salientaram que as condições para que o trauma extremado ocorra, é a indiferença e a narcotização da consciência, sustentadas por uma negação do poder de se fazer algo para interferir.

O estudo e acompanhamento de grupos e crianças traumatizadas evidenciam mecanismos de defesa análogos aos que se manifestam como bases de sustentação de certas políticas, crenças e mitos nacionais: a negação, o silêncio e fuga da realidade devido ao medo de saber.

Indiferença e narcotização da consciência são subsidiárias da ignorância e da negação. Daí o efeito radical que o levantamento da repressão ao saber, ao acesso à verdade histórica, pode ter para os cidadãos comuns, geralmente as maiores vítimas do trauma extremado que, tragicamente facilitam devido à própria alienação e ao medo de conhecerem a verdade. É corrente a idéia de que é melhor não se saber de nada para não se comprometer.

Desde a “Comunicação Preliminar” sabemos que se livrar de uma idéia incompatível como se ela jamais houvesse existido, leva a um isolamento psíquico desta idéia e de outras situações a ela associadas e ao advento de falsas conexões o que causa não só o empobrecimento criativo como a repetição constante de sintomas psíquicos e somáticos.

Entre os perpetradores, suas vítimas e testemunhas, costuma instalar-se o silêncio e a tentativa de esquecimento, como, por exemplo, entre os nazistas e suas vítimas; os sobreviventes da grande fome na Irlanda; os massacrados e seus algozes cambojanos, etc. É assim que é gerada uma peculiar herança transgeracional tanto ao nível pessoal como de políticas nacionais que ciclicamente tendem a repetir o terror e a violência de estado.

Constituem-se visões históricas nacionais fundamentadas em fantasias exacerbadas sobre as origens dos conflitos, muitas vezes verdadeiros mitos nacionais de origem heróica, e que sustentam políticas nacionais baseadas em fantasias grandiosas ou de identificação com o bem supremo da humanidade, e que tornam justificadas aos olhos de seus cidadãos a ação violenta para debelar o “Mal” ou purificar o estado de identificação com o “Bem”.

A economia psíquica do traumatizado é explorada de modo que a memória traumática do fato (sepultado em silêncio e mantido no misterioso reino do desconhecido), se amálgama com os mitos históricos-religiosos da nação e, por uma espécie de deslocamento, passa a ocupar o lugar da verdade histórica sobre o evento ocorrido. (ou do desejo de saber sobre ela).

Os indivíduos, identificados com seu eu ideal projetado em seus líderes, (governantes, teóricos ou religiosos), que por sua vez já são representações de representantes míticos deificados ou do próprio Deus, são levados a reconhecerem como verdade a memória encobridora e traumática dos acontecimentos de que participaram, alienando-se do conhecimento da realidade que os envolveu pessoalmente.

Concluimos que a idealização e reificação de um mito, por parte uma nação envolvida em um Trauma Extremado, teria a função de justificar políticas sustentadas pelo esquecimento, repressão e negação, com a necessária ameaça do Estado ao acesso ao conhecimento por parte da população traumatizada.

Observa-se uma espécie de identificação direta dos filhos com a memória traumática dos pais movidos como por um sentimento de obrigação inconsciente. É a história de um outro projetada na criança como um corpo estranho com o qual ela se identifica. O passado e as versões traumáticas dos pais e seus mitos nacionais, se misturam, fundem-se com o presente dos filhos, levando a uma falta de sentido da própria vida, exceto o sentido de dar continuidade ao trauma de seus pais.

Constitui-se um pacto de silêncio e denegação podendo levar toda uma geração a perder a capacidade de refletir sobre a própria história.

O fundamental para fazer frente ao trauma transgeracional e seus riscos inerentes: repetição da experiência traumática (seja pela continuada vitimização, alienação ou inversão do papel traumático) e a forte tendência de ser mantida uma cortina de silêncio, é falar publicamente sobre os fatos ocorrido e as teorias mantidas decorrentes da memória traumática encapsulada.

Isto é, recordar e repetir em palavras; reviver emoções e sentimentos e elaborar a experiência através da busca da verdade histórica e sua comparação com o que ficou na memória e suas teorias explicativas.

O valor determinante seria a retomada do contato com o passado traumático e sua memória através da fala compartilhada e não sua interpretação.

Neste sentido o reconhecimento público, empático, institucional e governamental é peça fundamental para a elaboração do trauma extremado.

Antes de interromper, vou mencionar brevemente:

Todos nós devemos empenhar-nos para desfazer a “conspiração do silêncio”, tal como foi mencionado no encontro na ONU por Dr. Y. Danieli, citando E. Wiesel.

“Rompendo as Correntes” é o título de artigo no The Economist (24Fev/2Março 2007). “O sentimento de culpa provou ser o calcanhar de Aquiles do tráfico de escravos na Europa. A tarefa dos abolicionistas foi apenas expor publicamente a realidade aterrorizante do tráfico a um público ignorante”. Entretanto, não foi tarefa nada fácil iluminar essa imunda escuridão dos brancos europeus.

“... nós sabemos que reduzir a divisão social e a projeção do ódio são importantes mecanismos para a coesão social. Isto requer encontrarmos meios para implementar a difícil tarefa de ouvir o outro, seja ele estranho ou mesmo inimigo. Foi Freud que abordou como este “estranho” é, de fato, alguém que representa uma não desejada e escondida parte de nós mesmos. Um bom exemplo de escutar o outro foi recentemente estabelecido pela Fundação Barenboim-Said através da música. Crianças Palestinas e Israelenses aprenderam como escutar umas às outras e tocarem juntas” (Eizirik. Discurso na UN,2006).

O papel da Arte como fenômeno transicional não deve ser esquecido, particularmente no trabalho psicanalítico com violência social arraigada no preconceito étnico-religioso.

“Contar Estórias para Romper o Silêncio (Storytelling to Break the Silence):

Um Modelo para Curar e Resolver Conflitos baseado na história de 15 anos de um grupo de Crianças Sobreviventes do Holocausto e de Crianças Descendentes de Nazistas. Uma Visão Psicanalítica.”

(Harris Deena, MD. NY)”.
Trabalho apresentado no Congresso de Berlim, 2007.

Deena é um membro muito atuante do IPACUN.

A maioria, ou talvez toda, violência social é intimamente ligada à figura paterna, à imagem idealizada do pai primordial. Nós devemos contemplar esta questão de um ponto de vista psicanalítico em conexão com casos atuais, por exemplo, a matança em Darfur, envolvendo o Sudão, o terror na Palestina e Iraque, o preconceito entre Israelenses e Árabes., etc ...

Uma questão : A identificação inconsciente com a imago idealizada do pai intolerante e as conseqüências para uma nação.

Como nós podemos elaborar e ajudar modificar esta relação ?

Rio de Janeiro, 24 Março 2008.

Miguel Sayad.
